ILUSTRAÇÃO

4.º ANO
NÚMERO 79

Lisboa, 1 de Abril de 1929

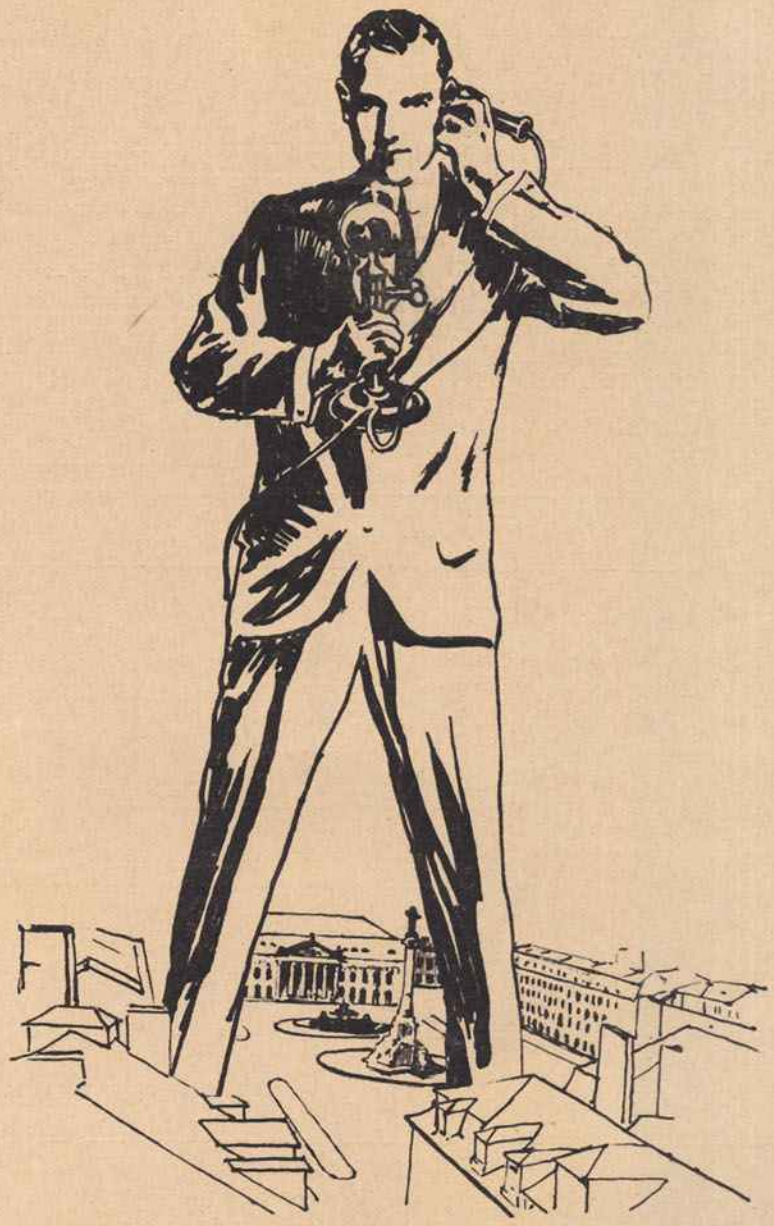
A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E E EXPANSÃO

PREÇO
4$00

Veramon

Schering

O mal estar propio da mulher alcança com frecuencia, especialmente nas mulheres delicadas e muito sensiveis, um grau verdadeiramente atormentador. Não só as incapacita para cumprir com as exigencias da vida diaria, mas ainda, pela sua repetição terminam taes incomodos por intristecer o seu animo. Consulte a seu medico. Elle lhe dirá se esses incomodos são originados por uma sensibilidade nervosa aumentada. O Veramon da casa Schering de Berlin faz desaparecer o mal estar, tomando um comprimido de 2 em 2 ou de 3 em 3 horas sem produzir effeitos nocivos. Adquira V. Exª um tubo de 10 e 20 comprimidos e convencer-se-ha d'isso.



PORQUE NÃO TEM TELEFONE?

SÓ ASSIM SE DOMINA A VIDA. E NADA HÁ MAIS ECONÓMICO PARA QUEM TRABALHA DO QUE ÊSTE AUXILIAR PRECIOSO DA CIVILIZAÇÃO E DO PROGRESSO.

COMERCIANTES

Lembrai-vos que apenas custa:

Nada para instalar
120$00 durante 10 meses,
e depois 80$00 por mês
Nada pelas chamadas recebidas,
1000 chamadas gratis

Por cada chamada além destas 50, 45, 40 ou 35 centavos

PARTICULARES

Lembrai-vos que o telefone custa apenas:

Nada para instalar
90$00 durante 10 meses,
e depois 50$00 por mês
Nada pelas chamadas recebidas,
500 chamadas gratis

Por cada chamada além destas 50, 45, 40 ou 35 centavos

Informe-se pelo telefone **4200** ou escrever à Companhia, e um empregado procurará V. Ex.ª

THE ANGLO-PORTUGUESE TELEPHONE C.º LTD.

LISBOA — Rua Nova da Trindade, 43

PORTO — Rua da Picaria, 5

A "EVA"

com um novo aspecto, muito mais elegante e com melhores gravuras e papel, a **"EVA"** depois de se fundir com a «Voga», tornou-se a primeira revista feminina de Portugal.

Os seus figurinos são a ultima palavra sobre as modas que imperam em Paris e a sua colaboração literaria constituirá o encanto espiritual de todas as portuguesas de bom gosto. :: :: :: :: :: :: ::

PREÇO 1$50

A' venda na Filial do
DIARIO DE NOTICIAS
Largo Trindade Coelho, 10
e em todas as
Livrarias e Tabacarias

A mulher que ama usa perfumes de Nally...

Não confundir com marcas, rotulos ou nomes parecidos.

Exijir bem clara a palavra

NALLY e não outra.

TODA A GENTE, DE NORTE A SUL DE PORTUGAL, PÓDE PERFUMAR-SE SEM DIFICULDADES COM OS MARAVILHOSOS PRODUTOS DE

"NALLY,,

BASTA, PARA ISSO, DIRIGIR-SE Á

Secção de **PERFUMARIA DA "EVA,,**

LARGO TRINDADE COELHO, 10 — LISBOA

QUE PRONTAMENTE ENVIARÁ TUDO Á COBRANÇA

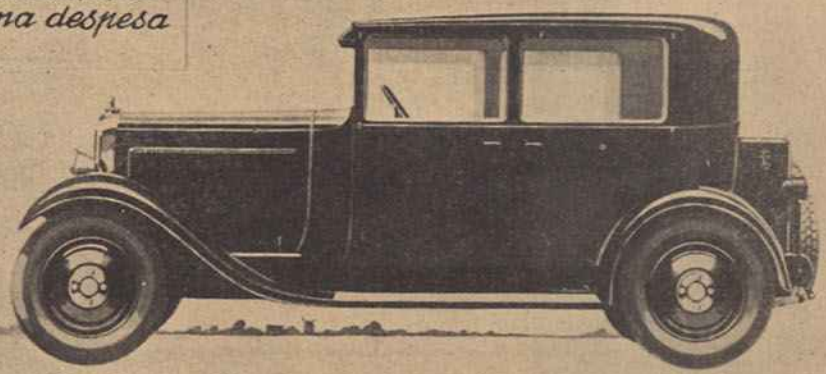
A BERLINDA CITROËN

1829

A Berlinda: 12 Km. á hora solavancos, custava uma fortuna

1929

As berlindas **Cª e Cº Citroën** *100 Km a hora, um conforto requintado, uma despesa minima*



AUTOMOVEIS CITROËN

S.A.P.R.L.

44 AVENIDA DA LIBERDADE 48

LISBOA

AGENTES EM TODO O PAIZ

PLISSADOS

DA MAIOR NOVIDADE

EXECUÇÃO RAPIDA E PERFEITA

CASA DOS PLISSADOS
Rua 1.º de Dezembro, 62
Telef. T. 4190 LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Na Rua Anchieta, n.º 25, compram-se a 15$00 cada um, exemplares em bom estado, do numero 28 desta revista.

LEIAM O

CÓ-CÓ-RÓ-CÓ

O MELHOR JORNAL INFANTIL

16 PÁGINAS
1 CONSTRUÇÃO

1$00

L C SMITH

(L C SMITH & BROS)

A MAQUINA DE ESCREVER QUE, PELA SUA RESISTENCIA E RAPIDEZ, TODOS PREFEREM

CADA BARRA DE TIPO TRABALHA COM ROLAMENTO DE ESFERAS

Pedir catalogos e detalhes aos representantes exclusivos para Portugal e Colonias

THE MODERN OFFICE LTD.
107, RUA DO ALECRIM, 109
TELEPHONE Trindade 66

CARROS SUPERIORES TORNADOS AINDA MELHORES

A Studebaker anuncia dois super-carros : o Presidente 8 de 115 cavalos e um modêlo de oito cilindros inteiramente novo : o Comandante de 80 cavalos.

Nunca até hoje carro algum apresentou um tal conjunto de tão superiores qualidades : motores Studebakers de oito cilindros, campeões do mundo; - chassis surbaissés; - carburador de duplo jicleur; - entrada de ar regulada automaticamente; - para-brise de vidro inquebravel; - assento do conductor ajustavel; pedaes ajustaveis; - volante da direcção ajustavel; - brincos das molas com esferas; amortecedores de sistema hidraulico.

Os Studebakers deteem 11 records mundiaes, 22 records internacionaes e **TODOS** os records officiaes americanos em carros de série. Os maravilhosos carros que conquistaram estes louros apresentam-se hoje ainda mais maravilhosos.

Venham hoje mesmo admirar estes magnificos campeões !

Studebaker fabrica 4 tipos de carros : Presidente 8, Comandante 8, Director e Erskine 6. Cada um d'êles é campeão da sua categoria.

Podeis comprar estes carros com o vosso rendimento, sem tocar no capital.

Unicos representantes para Portugal :
C. SANTOS, LDA.
Lisboa : Rua do Crucifixo 55 a 59
Porto : Praça da Liberdade - Edificio da Nacional.

STUDEBAKER

SALÃO DE PRIMAVERA

DA ELEGANCIA FEMININA, ARTES INDUSTRIAIS E DECORATIVAS, NO PALACIO DE CRISTAL DO PORTO

Sob o patrocínio dos organismos económicos do Norte e promovido por *ILUSTRAÇÃO e EVA*
com o apoio do *DIÁRIO DE NOTÍCIAS* e *MAGAZINE BERTRAND*

ESTÁ ABERTA A INSCRIÇÃO PARA ÊSTE CERTAME, QUE OBTERÁ
O MAIOR ÊXITO ECONÓMICO, PUBLICITÁRIO E ARTÍSTICO

ABRE EM 20 DE ABRIL

As primeiras casas a inscrever-se definitivamente em lugares de destaque foram

GRANDE BAZAR DO PORTO LTD.ª (LISBOA-PÔRTO), representantes da colossal marca de gramofones e discos HIS MASTER'S VOICE

SANTOS & JÚLIO, COSTUREIROS, criadores de Modas — (R. Nova do Almada — LISBOA).

HENRI MANUEL (Fotógrafo de Arte, Moda e Elegâncias) — PARIS.

FÁBRICA DOS TAPETES DE BEIRIZ — A maravilhosa indústria artística de D. Hilda Brandão de Miranda e Carlos de Miranda.

SOCIEDADE DOS VINHOS BORGES & IRMÃO — De fama mundial, porque «os Vinhos Borges... são Vinhos»...

MÁRIO DE NOVAIS — (Fotógrafo de Arte) — LISBOA.

TÁTÁ — «Chapelier en Vogue» — Medalha de oiro do «Salão de Outono».

NALLY — Os reputados perfumistas, bem conhecidos da alta elegância e que apresentarão um originalíssimo «stand».

A POMPADOUR — Fábrica de espartilhos e cintas, cujos produtos são a última palavra no género — Lisboa, Chiado; (sucursal no Pôrto, Armazens da Capela, Rua das Carmelitas).

ALINANDA — Que exporá o livro «Arte de bem comer», ao qual está reservado um grande sucesso e que será um verdadeiro regalo para os «gourmets».

CHAMPAGNE PIPER-HEIDSIECK — *Reims* — «Grandes licores Rocher Frères» — «Cognac E. Remy & C.ª» — reputadíssimas marcas de que é representante, em Portugal e Colónias, João Alves de Matos, rua dos Fanqueiros, 277 — LISBOA.

POLYDOR — «O super-gramofone alemão», uma verdadeira maravilha — Agentes gerais — Galeria das Novidades, L.da — PÔRTO.

"THE ANGLO-PORTUGUESE TELEPHONE C.ª" — A prestimosa empresa proprietária das redes de Lisboa, Pôrto e principais localidades do País.

"EMPRESA ELECTRO-CERÂMICA", de Vila Nova de Gaia, a maior fábrica da península de porcelanas para uso doméstico e efeitos eléctricos, honra da indústria portuguesa.

COMPANHIA INDUSTRIAL PORTUGUESA, com os maravilhosos vidros artísticos, rivais dos melhores do mundo, da *Fábrica da Marinha Grande.*

AZEITE SANTA CRUZ, admirável produção da firma Simões, Irmão & C.ª Ltd.ª, das Devezas — Vila Nova de Gaia, com venda a retalho na Rua do Almada, 181 — PÔRTO.

"O PRIMEIRO DE JANEIRO" o grande jornal do norte, com as suas edições e obras gráficas de élite, num «stand» originalíssimo.

SOCIEDADE LUSITANA DE ELECTRICIDADE, A. E. G., a marca de maior fama universal em artigos eléctricos, instalações, maquinaria eléctrica, luz, iluminação, etc. LISBOA — PÔRTO.

JOÃO ANJOS — O afamado medalhista, grande artista português, cinzelador e esmaltador; especialista em condecorações e emblemas, efígies sagradas. Rua do Mundo — LISBOA.

DOMINGOS FERNANDES & C.ª, grande fábrica de malhas da rua dos Wanzelleres — PÔRTO, com as suas criações em Novidades e Fantasia de luxo, vestidos para senhoras, chales, colchas de malha de seda, lenços rendilhados, camisolas com lavores, etc.

CASTELO LOPES LTD.ª, que montou o cinema-réclame do nosso «bureau» do Pôrto.

P. SOLER — Representantes da famosa casa Gaumont, que montou «haut-parleurs», na varanda do nosso «bureau» do Pôrto e montará um colossal sistema de réclame no Palácio de Cristal.

LITOGRAFIA NACIONAL — Que exporá os seus maravilhosos trabalhos gráficos e também apresentará em público a sua soberba colectânea *Monumentos de Portugal.*

RÁDIO-PÔRTO — A grande casa técnica semfilista emissora, expondo os seus magníficos artigos da especialidade.

SIMÕES & C.ª — A maior fábrica da península em malhas de luxo, criadores de afamadas meias de sêda, superando as estrangeiras.

EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE — Com as suas edições populares, de luxo e de ensinamento técnico.

AILLAUD LTD.ª — (Livrarias Aillaud e Bertrand) — Com edições de luxo, a par do melhor do mundo em arte gráfica.

ACH. BRITO — PÔRTO — A grande fábrica de perfumes portuense, a mais notável do país — Sabonetes — Essências, etc., rivalizando com o melhor do estrangeiro.

SOCIEDADE COMERCIAL PHILIPS PORTUGUESA — Representante da marca de fama universal «Philips», «récord» da fabricação de aparelhos de T. S. F., lâmpadas, máquinas e aparelhos eléctricos — LISBOA e PÔRTO.

FÁBRICAS DO RIO VIZELA — Produção de tecidos nacionais verdadeiramente notável — Grandes instalações permitindo a fabricação de tôda a classe de tecidos finos com a maior das perfeições.

PERFUMES "COURAÇA" — Um nome acreditado e celebrizado há muito, com inteira justiça, em Portugal e no Brasil — Apresentação das suas últimas criações em perfumaria de luxo.

Todas as informações nas redacções de *Magazine Bertrand* e *Ilustração* (Telef. N. 873) ou no

BUREAU DA EXPOSIÇÃO:

AVENIDA DOS ALIADOS, 71, 1.º — PORTO — *Telefone: 4909 (Porto)*

CHRYSLER IMPERIAL O MAIOR, O MELHOR E O MAIS PERFEITO DE TODOS OS

Chrysler

Silencioso, potente, linhas elegantes e inconfundíveis. Comodidade sem rival com as suas molas assentes sôbre tampons de borracha, travagem instantânea e segura com os seus travões hidráulicos às 4 rodas, ausência completa de vibração, graças à sua cambota com 7 pontos de apoio e 12 contrapesos, motor equilibrado com anti-vibrador (patente CHRYSLER).

Em exposição e para entrega imediata uma Limousine 7 lugares a última palavra em bom gôsto e distinção

Agente Geral: A. BRAUVALET
Rua 1.º de Dezembro — LISBOA

Distribuidor para o Norte: ANGEL BRAUVALET
Rua de Santa Catarina — PÔRTO

NYTHIS
Parfume de
GELLÉ FRÈRES
PARIS

ESSENCIA
PÓ DE ARROZ
LOÇÃO
AGUA DE COLONIA
SABONETE

Á Venda em todas as boas Casas

RAINHA DA HUNGRIA
OS MELHORES PRODUCTOS
PARA OS CUIDADOS DA PELE

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Directora: MADAME CAMPOS
Avenida, 35 - Telefone Norte 3641 - LISBOA

MONUMENTOS DE PORTUGAL

Collecção de vulgarisação artistico-monumental sob o alto patrocinio da ASSOCIAÇÃO DOS ARCHEOLOGOS

COLLECÇÃO DE 50 VOLUMES EM SÉRIES DE 10
TEXTO PORTUGUEZ, FRANCEZ E INGLEZ

Cada volume contém 40 photogravuras reproduzindo photographias da CASA ALVÃO & C.ª, especialmente feitas, e as plantas dos monumentos

1.º volume publicado:

O MOSTEIRO DA BATALHA, *pelo Dr. Virgilio Correia*

2.º volume a sahir:

THOMAR. *pelo Dr. Vieira Guimarães*

EDIÇÃO DA LITHOGRAPHIA NACIONAL — PORTO

Depositario geral: LUIZ SOARES — *Rua St.ª Catharina, 200, 1.º-PORTO*

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

PETROLEO
OLEO
GAZOLINA
SHELL
OS TREZ REIS MAGOS
THE LISBON COAL & OIL FUEL C.ª LTD.
LISBOA — PORTO — COIMBRA — FARO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»
R. da Alegria, 30 — Lisboa
REDACÇÃO
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Procissão)
Telef. N. 873

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO:
JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR:
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE:
EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
E
AILLAUD LTD.ª
ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef.: T. 821 a 824

ANO 4.º — NÚMERO 79

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

1 DE ABRIL DE 1929

"FRANÇA DE DOR E DE GLORIA,,

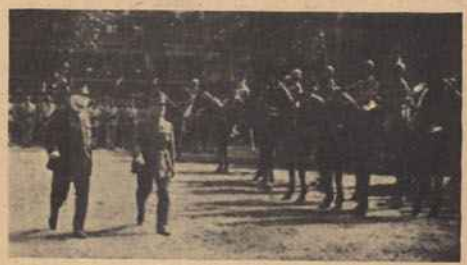
A MORTE DO MARECHAL FOCH, O VENCEDOR DA GRANDE GUERRA

À ESQUERDA: — Ferdinand Foch com o seu uniforme de general antes de subir ao marechalato

À DIREITA: O grande militar, ainda apenas general, com o uniforme de campanha, o preferido entre todos

EM CIMA: — Foch com Joffre, quando êste lhe transmitiu o alto comando, revistando os senegaleses que foram os heróis máximos do Marne

À ESQUERDA: — O marechal, logo após o armistício e a assinatura da paz, sai do Ministério, em trajo civil, para voltar à sua vida íntima



EM CIMA: Foch e Joffre passando revista aos *tanks*, antes da grande ofensiva

À ESQUERDA — Foch à mesa do comando, no seu vagão-quartel general

(Foto inédita)

EM CIMA — Foch e Joffre passando revista à cavalaria, antes da grande ofensiva

À DIREITA — Ferdinand Foch ostentando as estrelas de comandante supremo dos aliados

(Fotos inéditas de H. Manuel

Uma foto histórica — Foch, no dia da assinatura do tratado de paz em Versalhes, momentos antes de se avistar com os delegados alemães

Exclusivas para a «Ilustração»)

«FRANÇA DE DÔR E DE GLÓRIA» — EIS COMO UM ILUSTRE ESCRITOR PORTUGUÊS CHAMOU À PÁTRIA DE JOANA D'ARC E DO GLORIOSO CAIO DE GUERRA QUE A MORTE ACABA DE ARREBATAR... MAS A VERDADE É QUE, NÃO SÒMENTE A FRANÇA SENTE NESTE MOMENTO A AMARGURA IMENSA DO DESAPARECIMENTO DUM DOS SEUS MAIORES: FOCH, O SOLDADO HERÓICO QUE SOUBE LEVAR À VITÓRIA OS EXÉRCITOS ALIADOS ERA ACIMA DE TUDO UMA GLÓRIA DA LATINIDADE: COM A SUA MORTE A RAÇA LATINA SENTE-SE DIMINUÍDA... ENTRA NA IMORTALIDADE E NA HISTÓRIA UMA DAS MAIORES FIGURAS DE TODOS OS TEMPOS

NA CAPA: — RECANTO DE ALFAMA, *aguarela de Alberto de Sousa*

O grande industrial do Norte, MANUEL PINTO DE AZEVEDO, concorre ao Salão do Pôrto com os produtos das suas fábricas da AREOSA e SENHORA DA HORA

CRÓNICA DA QUINZENA

O facto notável da quinzena, facto da vida nacional, foi a luta, em Sevilha, entre portugueses e espanhois, campeões do pontapé na bola.

Milhares de pessoas, em Lisboa, aguardavam ansiosamente a notícia daquele formidável duelo — como se mais uma vez, após uma longa paz secular, as duas Nações ibéricas se defrontassem, armadas até aos dentes, num incerto campo de batalha.

Os que levianamente acreditam estarem muito diminuidas as energias da raça, aquelas épicas energias que nos tornaram vencedores em Aljubarrota, e nos encheram de glória no oriente asiático, os desalentados que em tal acreditam, nunca repararam na estranha vibração da alma nacional quando os brios da gente lusa estão postos em causa, num prélio de grandeza antiga.

As horas torturadas, mas ao mesmo tempo sublimes, que Portugal inteiro viveu quando o sr. José Tanganho, como um herói de Homero, paisano até então ignorado, entrou numa luta de resistência e velocidade, como cavaleiro, com os mais destros e bem treinados oficiais do nosso Exército, montando excelentes cavalos!

Quando constou, em Lisboa, que o sr. Tanganho, êle e o seu cavalo, entrara vencedor no Campo Grande, como César entrara vencedor em Roma e Napoleão em Austerlitz, a alma nacional vibrou de satisfação e de orgulho, como em nenhum outro momento da nossa História, como certamente não vibrara quando Mousinho prendera o Gungunhana, depois de Coolela e Chaimite.

Não; Portugal não é uma Nação morta, não é sequer, Deus louvado, uma nação moribunda.

A marcha dos Povos, no caminho do Progresso, faz-se por *étapes*, cada uma das quais corresponde a um ciclo, sendo cada ciclo, naturalmente, caracterizado por uma forma especial da actividade colectiva — política, económica, guerreira, literária, religiosa, industrial ou artística.

O Povo que mais rápidamente vence as *étapes* que seccionam a sua jornada sem fim, e mais vincadamente assinala os ciclos da evolução que realiza, êsse Povo é o que mais avulta na História, grande entre os maiores, porventura o maior entre os grandes, se espalhou pelo mundo, a flux, jôrros de luz espiritual, contendo germens do Bem, do Amor, da Verdade e da Justiça.

Nós, os portugueses, estamos naquele ciclo de civilização a que se pode chamar tibiotársica, de caracterísficas anatómicas, a que correspondem, por virtude da chamada lei do balanço orgânico, modestos atributos psíquicos.

Valia a pena, quer-nos parecer, inquirir da validade física da nossa raça, da sua normalidade fisiológica, porque talvez aí se encontre a razão suficiente da sua depressão moral e da sua exigüidade psíquica.

O velho aforismo — *mens sana in corpore sano* — é menos, talvez, a constatação dum facto, que a afirmação duma necessidade, a enunciação dum preceito a realizar em vista dos interêsses individuais e colectivos.

Diz-se, e é verdade, que o principal elemento da riqueza dum País é a sua população, devendo acrescentar-se que o número, só por si, independentemente da qualidade, pode ser a miséria em vez da riqueza, sendo certo que os fracos, os doentes, os degenerados, qualquer que seja a sua forma de degenerescência, pouco valem como produtores de utilidades em qualquer campo da actividade humana, mas representam muito no consumo inútil, pelo menos no consumo sem proporção com a sua capacidade produtiva.

A alimentação da gente portuguesa, por via de regra, é insuficiente, a gente que não é rica, está bem de ver,, porque a gente rica é muito dada aos prazeres da mesa, é dum epicurismo que nada tem que ver com a filosofia grega, ensinada por Epicuro, uma das mais robustas mentalidades da velha Hellade, terra clássica de filósofos, de artistas e de sábios. Comer muito e comer bem são duas coisas distintas; com elas se pode fazer uma equação, que nunca será uma identidade.

Na Europa, se bem conhecemos as respectivas estatísticas, não há quem se alimente tão escassamente como o português; o pão e a carne que êle consome, em média diária, ficam muito abaixo, em quantidade, das suas necessidades fisiológicas. O consumo que fazemos, em açúcar, grandemente aumentado nos últimos anos, depois da guerra, mostra que a nossa capitação, relativamente a êste alimento, é mais reduzida que em qualquer outro país civilizado.

É Portugal um país vinhateiro, abundantemente produtor de vinho, e não obstante ser o português amigo da pinga, descendente em linha recta do patriarca Noé, o consumo por cada indivíduo, na roda do ano, é menor que noutros países, a Suiça, por exemplo, importadores de vinho, porque o não tem de colheita. Nem sempre o bêbedo é alcoólico, nem sempre o alcoólico é bêbedo, e isto explica-se porque, sendo muito frequente, em Portugal, a bebedeira, os casos de alcoolismo, na opinião dos médicos, são relativamente raros.

Pode ser que o vinho, como pretendem alguns fisiologistas dados ao estudo da higiene alimentar, não tenha apreciáveis qualidades alimentícias, insignificante como alimento; mas é um bom estimulante, e o seu consumo generalizado, à hora das refeições, na casa dos pobres ou simplesmente remediados, seria indicador duma vida sem privações graves, sobejando do absolutamente necessário alguma coisa para o supérfluo.

Não só o português, em geral, se não alimenta convenientemente, mas também, por via de regra, sempre com exclusão dos ricos, vive em más condições de habitação, e sabe Deus quantos ricos habitam casas detestáveis, com pouco ar e pouca luz, a não ser na sala de visitas, onde poucas vezes entram, demorando-se aí o menos que podem.

O problema da validade da raça, é duma notável complexidade; não é possível resolvê-lo a pontapé, como parece ser opinião de muita gente em Portugal.

Vão preconceitos duma moral bafienta, mas ainda em vigor, impedem que se estude, com ânimo de a resolver racionalmente, a questão da família, que é, em relação à Sociedade, o que o protoplasma é em relação ao indivíduo — a base física da vida.

Porque não é, porque não pode ser consentido que se liguem, matrimonialmente, indivíduos do mesmo sexo?

Porque o casamento é a forma legal, duma universalidade bem constatada, do casamento, isto é, da constituição da família para o fim eminentemente social de impedir que a raça acabe, que se extinga. Os lares estéreis, se não fôssem uma excepção, haveria que considerá-los, senão como um crime, ao menos como um perigo a atacar sem transigências.

Quererá isto dizer que a todos, sejam quais forem os seus préstimos, se não deve ser imposta a obrigação, deve ser reconhecido o direito de ter filhos?

De forma alguma.

O que de há muito se faz, com notável proveito, no sentido de aperfeiçoar e robustecer os indivíduos doutras espécies, de modo a atingir cada uma delas a máxima valorização, devia fazer-se, guardadas as devidas proporções, relativamente à espécie humana, sujeita a mil causas de enfraquecimento e degenerescência.

Não seria necessário ir até aos exageros do dr. Binet Sanglé — *Le haras humain*, — mas bastante se poderia fazer, em benefício da raça, adoptando medidas que sem ferirem clamorosamente a mentalidade dos homens, no que diz respeito a ideas e sentimentos, mentalidade formada no decurso de séculos inúmeros, puzesse côbro a disparates e abusos que entenebrecem o futuro.

Não há filhos bons de pais ruins, e se algumas excepções se notam a esta regra, elas servem tão sòmente a afirmar a perfeita exactidão da regra estabelecida. Simplesmente, nesta matéria, o que pode fazer a lei é bem pouco, sendo alguma coisa; o que se pode alcançar pela instrução e pela educação é quási tudo.

Pontapés na bola?

Está bem, contanto que dentro da bola se não tenha metido o senso comum.

BRITO CAMACHO.

ÊSTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

No Salão da Primavera, no Pôrto, serão expostos os magníficos perfumes, sabonetes e essências de ACH. BRITO, a maior fábrica do país

EM CIMA, à *esquerda*: — Inauguração da exposição iconográfica D. João VI realizada no Museu Arqueológico do Carmo com a colecção do ilustre facultativo dr. Mac Bride. O sr. ministro da Instrução inaugurando o certame.

NO OVAL, à *direita*: — O solenissimo momento em que a urna contendo os restos do glorioso Marechal Foch, vencedor da Grande Guerra, chegam sob o Arco do Triunfo. Em frente do féretro a esposa e família do grande soldado.

(Foto H. Manuel)

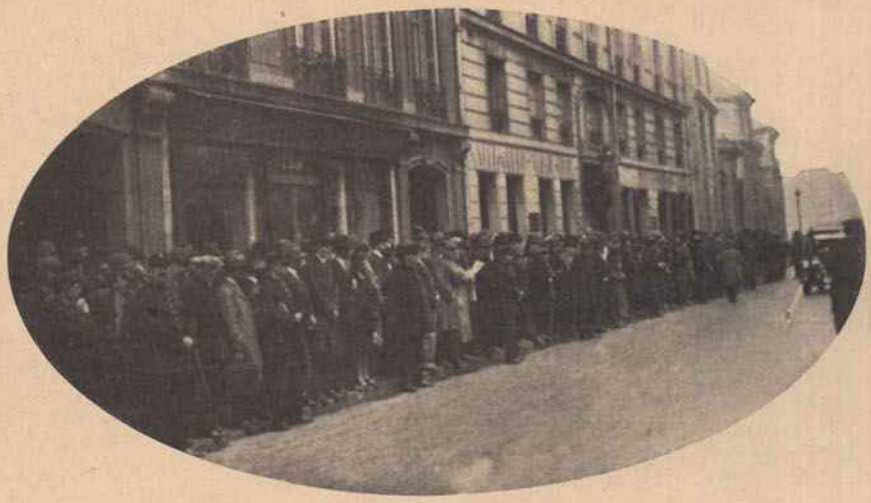
EM CIMA, à *direita*: — No acto da posse do novo Conselho Nacional do Ar, novo organismo destinado a superintender em todos os assuntos relativos á aviação civil e comercial. A comissão é composta pelos srs. major Aragão (1), coronel Amilcar Pinto (2), general Sinel de Cordes (3), comandante Atres de Sousa (5) e dr. Lobo de Ávila Lima (6). No grupo está o sr. Presidente do Ministério, coronel Vicente de Freitas (4) que deu posse á referida comissão.

EM CIMA, à *esquerda*: — O féretro de Foch sob o Arco do Triunfo. Depois de a viuva e familia se retirarem em sinal de entrega que fizem do corpo á Nação Franceza, começa o desfile de tôdas as altas individualidades que se curvam respeitosamente ante os restos daquele que foi o salvador da França.

(Foto H. Manuel)

EM CIMA, à *direita*: — A chegada do corpo do Marechal Foch ao Arco do Triunfo da Estrêla onde ficou exposto á veneração do mundo inteiro. A urna sendo transportada para o armão de artilharia.

(Foto H. Manuel)



NO OVAL, *em baixo*: — Diante do féretro de Foch desfilou, silenciosamente, numa comoção enorme, todo o povo de Paris e todos os estrangeiros que assim prestaram homenagem ao comandante dos exércitos aliados. Na nossa fotografia vê-se a multidão, que permaneceu, firmemente, ante a residência do grande caído de guerra, esperando a vez de entrar, antes do saimento fúnebre que levará o cortejo de Foch a repousar nos «Inválidos» em frente do tâmulo de Napoleão Bonaparte.

(Foto H. Manuel)

No Salão da Primavera, no Pôrto, as afamadas FÁBRICAS DO RIO VIZELA exporão os seus tecidos de qualidade incomparável

À DIREITA: — Imponente aspecto da multidão, que na Rotunda da Avenida, assistiu à informação e reportagem do desafio Portugal-Espanha, de sevilha, transmitida pelo quadro eléctrico e alto-falantes do *Diário de Notícias*, num *record* nunca igualado em Portugal

NO MEDALHÃO DE BAIXO: Em acção de graças pela assinatura do acôrdo entre o Papado e os reis de Itália, celebrou-se na Sé Patriarcal um magestoso Te-Deum. Saída do sr. Núncio Apostólico Mgr. Beda Cardinale, após a cerimónia religiosa que foi presenciada pelo govêrno, autoridades e público de tôdas as camadas sociais

NO OVAL: — A conferência do prof. Martinho Nobre de Melo sôbre o acôrdo com o Vaticano

EM BAIXO: A informação do Portugal-Espanha no Pôrto, na sucursal do *Diário de Notícias*

NO OVAL: — A procissão dos Passos realizada no Carvaxo

(Clichés Verdi Marques)

No Salão da Primavera, no Pôrto, os produtos eléctricos e material de T. S. F., marca "PHILIPS", será exposto pela SOCIEDADE COMERCAL PHILIPS PORTUGUESA

Desportos

Um mergulho de Roquete...

...nos pés de Padrón

O PORTUGAL ESPANHA EM FOOT-BALL

SEVILHA é, decididamente, uma cidade que nos traz desgraça; pela segunda vez nela se bate a nossa *équipe* representativa, e pela segunda vez é copiosamente batida, sentindo sôbre ela o pêso da infelicidade que a esmaga sob um *score* que o seu esfôrço não mereceu e não corresponde à diferença dos valores que atuaram em campo.

A marcha do encontro resume-se esquemàticamente numa primeira parte em que o destino nos persegue, castigando-nos com três *goals* desmoralizantes pela dose de anormalidade que encerram, e durante a qual a *équipe* lusitana em vão procurou unificar-se, e um segundo tempo em que lutámos com o maior dos entusiasmos, durante o qual marcámos um mais nítido domínio territorial, procurando em vão marcar o ponto da honra, ou neutralizar o *score* violando as rêdes de Zamora. Mas o destino decidira em contrário e tudo falhou, até um *penalty* que Soares enviou para as nuvens, num pontapé incompreensível.

É difícil fazer da *équipe* portuguesa uma avaliação exacta por aquilo que ela fêz então; contra todos os prognósticos, a linha de ataque foi ainda a que melhor produziu, e a defesa, excepção feita a Augusto Silva, meteu água.

No primeiro tempo Martinho perturbou-se com o involuntário *goal* que enfiou nas suas rêdes; Varela foi nulo, um enorme furo que nem uma vez conseguiu obstar a que a asa dianteira contrária passasse.

Na frente, J. Tavares bastante mal, estragou muito trabalho dos companheiros, e, finalmente Roquete foi menos que uma sombra de si mesmo, é o único responsável do 3.º *goal*, e, na maior parte, do 5.º. Para cúmulo, até o árbitro, uma das primeiras figuras mundiais, teve um lamentável êrro de visão, validando a 2.ª bola em resultado de uma deslocação que até um cego via.

Resulta mal ferido o *foot-ball* português desta malfadada jornada; e não o merecem, por esta forma.

Nem foram justos os cinco *goals* que sofremos, nem justo é que os espanhóis hajam saído do campo sem que lhe tivessemos retribuído parte do presente que nos fizeram.

Carlos Alves preparando-se para interceptar uma avançada fulminante dos espanhóis

Roquete defende a sôco...

Roquete, carregado, despacha...

No Salão da Primavera, do Pôrto, expõe as suas maravilhosas MEIAS DE SEDA, a maior fábrica da península SIMÕES & C.ª, de Lisboa

O grupo português que jogou em Sevilha com a Espanha

A selecção nacional espanhola que bateu o nosso grupo representativo

Alinhámos: Rosquete; Alves e Martinho; Varela, A. Silva e Figueiredo; Waldemar, Tavares, V. Silva, Soares e Ramos. Jogamos de vermelho.

Espanha, camisola branca: Zamora; Quesada e Urquizu; Prats, Soler e Peña; Lascano, Triana, Rubio, Padron e Bosch.

Arbitrou o belga Langenus.

*

O onze espanhol é uma *équipe* nitidamente superior à que exibiram na época passada; tem uma excelente linha de ataque, onde sobressai a ala direita. Zamora é sempre o mesmo, um guarda-rede com tôdas as qualidades, inclusa a sorte.

Os defesas são bons, sem serem notáveis; trabalharam com segurança mas não sobresaíram dos restantes. Uma linha média dando aos avançados o necessário apoio, onde o melhor foi Prats e o pior Soler, um dos pores da *équipe*. Na frente cinco rapazes cheios de velocidade e entendendo-se à maravilha, melhor Triana-Lascano e Rubio, que Padron-Bosch. Padron, sobretudo, foi lamentàvelmente pessoal, perdendo-se em *dribblings* e filigranas que resultavam para êle quási sempre na perda da bola.

Nos portugueses merecem todos um elogio sentido, pela coragem com que lutaram durante o segundo tempo, nunca cedendo ante a esmagadora acumulação de bolas que lhes fazia perder tôda a esperança de possível triunfo. No entanto lutaram sempre, subiram de poder, procuraram ansiosamente o *goal* e mereciam-no. Tributemos-lhe a honra que merecem de haver sabido perder, batidos mas nunca sucumbindo.

*

A Federação Espanhola fêz as maiores dificuldades à distribuição de bilhetes de entrada. Os dirigentes e jogadores da *équipe* entraram com lugares que a Federação Portuguesa lhes dispensou dos poucos recebidos para fornecer aos seus próprios jogadores. Tanto a Nacional como a Regional espanholas se consideraram absolutamente estranhas à sua existência em Sevilha, pois nem à chegada encontraram alguém esperando-os.

Para o banquete oficial ignoraram-se os jornalistas portugueses presentes, e o número de convites foi medido a conta-gotas.

Esta maneira de agir, estabelecendo um princípio, que não discutimos, deve ser de exemplo para a conduta a seguir em 1930 pela Federação Portuguesa.

*

Um grupo de operários que estão trabalhando nas obras do Pavilhão Português, manifestou o desejo de oferecer à *équipe* nacional, antes do encontro, um ramo de flôres em testemunho de apreço. Por isso, logo após as cerimónias protocolares habituais, uma sua delegação entrou no campo, entregando a Augusto Silva o ramo, cujo significado altamente simpático muito sensibilizou os jogadores portugueses.

*

O Novo Estádio de Sevilha, que os portugueses foram inaugurar, é de aspecto agradável e grandioso de dimensões. Ao contrário do habitualmente seguido, comporta duas grandes tribunas longitudinais e é aberto nos extremos. Não tem lugares cobertos. Os camarotes e cadeiras são, ao contrário do nosso Estádio, em baixo, seguindo-lhes as bancadas. A reservada tem 20 filas, divididas em 5 sectores com 17 lugares cada, em cada fila. A bancada de geral é mais alta, mas de igual comprimento.

Comporta 17.500 pessoas e entraram 15.000 espectadores.

O terreno é de herva, cuidadosamente preparada, mas um pouco irregular e com bastantes falhas, sobretudo em frente das balisas.

*

(A «Ilustração» foi a única publicação periódica que teve em Sevilha uma équipe de fotógrafos e redactores e em Paris fotógrafos exclusivos e envelope especial. Assim, as belas fotos do Portugal-Espanha são de Raúl Reis e Mário Novais e as de Portugal-França de H. Manuel, tôdas exclusivas para nós).

Antes do desafio. Zamora, o maior jogador espanhol e Augusto Silva, o maior jogador português, abraçam-se em nome dos grupos de que são capitães

A ESQUERDA: — Um momento emocional: Padrón, à bôca das redes, num salto magnífico, colhe a bola; Rosquete, alerta, vai actuar-se à defesa que se afigura difícil e ingrata

A DIREITA: A linha de avançados portugueses, rompe a defesa espanhola e carrega, em boa forma, sôbre as redes... mas Zamora, sempre grande, vai interceptar como êle sabe...

No Salão da Primavera, no Pôrto, estarão expostos os magníficos perfumes de NALLY, essências, pó de arroz, sabonetes BENAMOR, MARQUITTA e NOTRE DAME

A equipe representativa da França que bateu o nosso grupo no Estádio de Colombes, no passado dia 25

O grupo representativo de Portugal que se bateu com a França, no Estádio de Colombes, perdendo por 3-0

O DESAFIO PORTUGAL-FRANÇA

Se o Portugal-Espanha surpreendeu, pelo seu resultado, o público amador da «bola», maior surprêsa ainda constituiu a derrota de 2-0 que os franceses nos infligiram.

Efectivamente, quási todos esperavam a derfunda apreensão naqueles que têm que dirigir a preparação e a rehabilitação física desta raça, que já foi forte e hoje anda assim pelas ruas da amargura. E enquanto se não dá uma directriz lógica e enérgica à nossa vida desportiva, produzindo homens sãos e não deformados *virtuoses* das escovinhas com a bola... será melhor que não saiam fronteiras grupos de qualquer desporto com a representação da raça às costas...

*

Em Paris, como em Sevilha, um grande jogador se distinguiu de todos. Augusto Silva foi, sem contestação, em ambas as partidas, o melhor homem em campo. E êle, também, aquele dos nossos representantes que mais direito tem à categoria de internacional.

Uma das grandes defesas de Roquete no desafio de Paris

(Fotos de H. Manuel exclusivas para «Ilustração»)

A troca de saudações em Paris, no Estádio de Colombes

rota pela Espanha, cujo grupo se sabia forte e bem treinado mas, em compensação, a maioria tinha uma profunda esperança na vitória de Paris. Os jogadores franceses nunca tiveram, sôbre os grupos portugueses, vantagens manifestas, antes pelo contrário, tem sido opinião corrente que o *association* francês é de fraca cotação. Mas a dura verdade é que o *onze* nacional não soube ou não pôde resgatar, em Colombes, a derrota terrível de Sevilha. O grupo volta ao país, pode dizer-se, aniquilado.

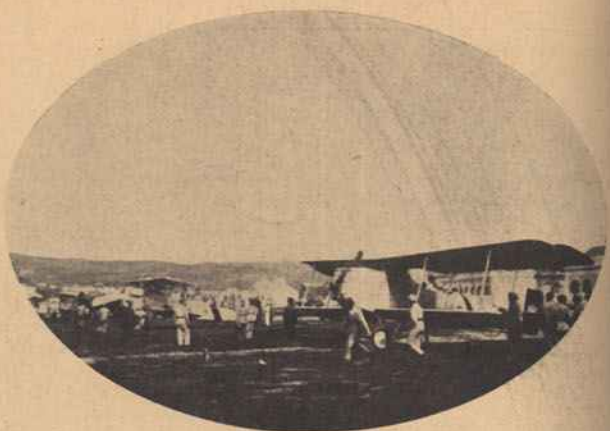
Em Paris, como em Sevilha, fizeram os nossos muito pela vitória, mas nem moral, nem fisicamente, nem sequer por via de marcante superioridade técnica, o estado do *onze* era mais do que medíocre. Ausência de certos valores? Hesitação deplorável na selecção que atrazou todos os treinos? Talvez ambas as coisas e talvez nenhuma delas, no fundo. Quer-nos parecer que o nosso maior defeito é uma baixa de forma ocasional, sucedendo a um lampejo que nos *lançou* em Amsterdam e baixa que tem a sua deplorável origem na falta de preparação atlética da raça.

Êstes sintomas de decadência desportiva reflectidos agora nos desaires do foot-ball, na fulminante derrota de Cruz Coelho por Paulino e no fracasso da esgrima em Nice e Monte Carlo, são muito mais graves do que à primeira vista pode supôr-se. Não são desaires que causem apenas o amúo dos seleccionados e meia dúzia de questiúnculas clubistas; devem também causar

Uma outra defesa do *portero* português, em Colombes, que lhe granjeou merecida ovação e distinção nas críticas dos jornais franceses da especialidade

No Salão da Primavera, no Pôrto, exporá a "POMPADOUR" os seus espartilhos e cintas, prodígios de elegância e utilidade

Ilustres oficiais aviadores que tripularam a esquadrilha mixta que acaba de efectuar um belo «raid» sôbre o Sul do País



A esquadrilha mixta de aviões antes de partir para a viagem de estudos aeronáuticos e técnicos sôbre as províncias do Sul

O escultor Júlio de Sousa e os pintores José Tagarro e Lázaro Velloso, que expõem na Galeria Bobone os seus trabalhos com o mais retumbante sucesso de crítica e de público que vê neles dos mais sólidos e brilhantes valores da geração moderna

NO OVAL, *em baixo*: — O ilustre ministro plenipotenciário da Tchéco-Slováquia, um dos diplomatas de mais relêvo no nosso país, entre as ilustres senhoras e distintos artistas e escritores que colaboraram num precioso concêrto de música Tchéco-Slovaca levado a efeito ultimamente com o mais extremado êxito artístico e mundano

NO MEDALHÃO: — Um instantâneo de oportunidade. O presidente da Rêpública Francesa, Gaston Doumergue, saindo da casa de Foch momentos após a morte do glorioso caudilho

(Foto H. Manuel).

À DIREITA: — As «ilustres» bruxas da rua Augusta e o seu prestimoso secretário-gerente durante um dos interrogatórios que lhes foram feitos no Torel e dos quais resultou a pronúncia por exercício ilegal de medicina e burla

No Salão da Primavera, no Pôrto, a grande fábrica de perfumes COURAÇA exporá os seus produtos verdadeiramente magníficos

FIGURAS DO MOMENTO

DR. BARTOLOMEU FERREIRA

ILUSTRE ministro de Portugal em Berlim, eminente diplomata cuja acção tem sido altamente proveitosa para os interesses nacionais e para o prestígio do nosso país.

MR. RODOLAUSSE

INVENTOR dum aparelho automático e eléctrico de segurança, que actua sôbre os travões dos automóveis, moderando a velocidade e chamando a atenção do condutor por meio dum apito, aparelho destinado a grande êxito.

(Foto H. Manuel)

MAURICE RAVEL

O eminente compositor francês acaba de ser nomeado membro do Conselho Superior do Conservatório, por morte de André Messager. *(Foto H. Manuel)*

PROFESSOR CHARLES ACHARD

CÉLEBRE professor de medicina na Faculdade de Paris, antigo aluno do famoso Bouchard, e que acaba de ser eleito sócio efectivo da Academia das Sciências, na secção de medicina e cirurgia, na vaga aberta pelo falecimento do notabilíssimo homem de sciência, notável em todo o mundo, o professor Widal.

(Foto H. Manuel)

ANTÃO TCHEKOFF

O maravilhoso contista russo cuja série de novelas «A sala número 6» acaba de ser lançada numa tradução portuguesa primorosa e com o mais vivo êxito. Antão Tchekoff é uma das mais belas figuras da literatura russa, e um dos mais poderosos novelistas mundiais do século passado, devendo a sua obra alcançar em Portugal um retumbante sucesso.

O SENADOR SHIPSTEADT

PARLAMENTAR americano que apresentou uma moção pedindo que seja suprimido o artigo 231 do Tratado de Versailles, que estatui a culpabilidade da Alemanha na declaração da guerra. *(Foto H. Manuel)*

GENERAL PRIMO DE RIVERA

CHEFE do govêrno espanhol cuja atitude de indomável energia ante a greve académica tem levantado grandes comentários.

(Caricatura de Cañavate).

CAPABLANCA

O campeão do mundo de xadrez que acaba de ganhar 37 partidas simultâneas aos campeões europeus.

No Salão da Primavera, no Pôrto, a "Empresa Nacional de Publicidade" exporá as suas edições técnicas populares e artísticas, de excepcional relêvo e mérito

Um trecho do rio Lucália vendo-se ao fundo as quedas de água. — *(Cliché P. Aguilar)*

PORTUGAL

AS NOSSAS RIQUEZAS

AS CATARACTAS

Só modernamente o emigrante português começou a encarar com maior simpatia a sua ida para as nossas colónias africanas. Outras terras o seduziam e aliciavam: para êle, a estada em Angola ou Moçambique não diferia dum horrível degrêdo em paragens inóspitas, bravias, pululando feras, enclausuradas de doenças, perfeito cemitério duma raça. Para a quási totalidade a África equivalia ao inferno e raros encaravam com justeza o muito que as nossas opulentíssimas e ubérrimas colónias poderiam oferecer a quem as soubesse aproveitar...

E, não obstante, quanta injustiça em tão apressada opinião!... Angola e Moçambique, ao passo que eram detestadas pelo emigrante português, tornavam-se o cubiçoso do colono estrangeiro. O seu solo fertilíssimo — duma fertilidade de maravilha! — as suas riquezas minerais, o seu clima em muitos pontos privilegiado, a sua vegetação luxuriantíssima, os seus recursos de tôda a ordem, faziam cortejo à beleza dos aspectos naturais, à sua paisagem cheia de encanto. Era para Angola e Moçambique — as nossas duas riquíssimas províncias africanas, — que se deveria carrear a emigração e jámais para continentes aonde o rude colono português nunca poderia medir-se com outros de nacionalidade diversa e muito diferentes qualidades de adaptação e preparação... Hoje o destino do nosso emigrante parece ter-se alterado e ainda bem... Já as nossas possessões ultramarinas começam a receber a emigração portuguesa. Sobretudo em Angola, essa emigra-

As cataractas vistas de cima. — *(Cliché P. Aguilar)*

No Salão da Primavera, no Pôrto, figurará um sensacional "stand" do grande jornal do norte
PRIMEIRO DE JANEIRO

EM ÁFRICA

MAGNIFICAS COLONIAIS DO RIO LUCÁLA

As cataractas vistas de baixo. — *(Cliché P. Aguilar)*

ção é qualquer coisa de consolador e patriótico. Porque o velho preconceito contra a formosa província africana parece ter desaparecido.

O magnífico clima e a feracíssima natureza angolanas já começam a ser amplamente conhecidas; já as formidáveis riquezas que em si contém principiam a atrair o esfôrço do braço lusitano. A velha e estúpida visão das terras adustas e selvagens em breve desaparecerá também. Angola é um paraizo e há nessa província ultramarina aspectos naturais verdadeiramente inegualáveis. Como exemplo aqui têm os leitores as vistas que hoje lhes apresentamos das quedas de água Duque de Bragança, no Rio Lucala. São uma autêntica maravilha de beleza e a formidável toalha de água que de 110 metros de altura se despenha é de tal fôrça que, só por si e devidamente aproveitada, forneceria energia eléctrica para tôda a província. As margens do Rio Lucala, vestidas por uma vegetação luxuriantíssima, constituem o pasmo de quem as visite, tamanha a sua belesa, fertilidade e imponência...

Um outro aspecto das quedas do Lucála. — *(Cliché P. Aguilar)*

No Salão da Primavera, no Pôrto, estarão expostos os maravilhosos vidros artísticos da COMPANHIA INDUSTRIAL PORTUGUESA, melhores que os melhores do mundo

LIVRO DOS BRASÕES DE ARMAS de PORTUGAL

TABOA QUINTA

ALMANÇA — Partido: o I em campo de prata, três palmas de negro; o II em campo de prata cinco pontas de arminho de negro postos em sautor; bordadura de vermelho carregada em chefe de uma faxeta de prata, sobrecarregada de cinco aspas de vermelho, e nos flancos e em ponta, de cinco rodas de Santa Catarina de oiro, armadas de prata.

Parti: au I, d'argent, à trois pals de sable; le II, d'argent à cinq mouchetures d'hermine de sable mises en sautoir; à la bordure de gueules chargée en chef d'une trangle d'argent surchargée de cinq flanchis de gueule, et aux flancs et en pointe de cinq roues de Sainte Catherine d'or, armées d'argent.

ALMEIDA — Em campo vermelho uma dobre cruz acompanhada de seis besantes tudo de oiro; e um debrum do mesmo.

TIMBRE: Uma águia estendida de vermelho, carregada de nove besantes de oiro, três no peito e três em cada asa.

De gueule, à la croix double, accompagnée de six besants, le tout d'or à la filière du même.

CIMIER: *Une aigle de gueule au vol éployé, besantée d'or de neuf pieces, trois sur la poitrine et trois sur chaque demi-vol.*

ALMEIDA (do PRIOR DO CRATO) — De Almeida e chefe de vermelho com a cruz de prata do Hospital.

De Almeida au chef de gueule avec la croix d'argent de l'Hopital.

ALPOIM (antigo) — Em campo azul cinco flores-de-liz de oiro postas em sautor.

TIMBRE: Um braço vestido de azul, tendo na mão uma fita de prata com a letra a negro «Nostra Dama de Poym».

D'azur à cinq fleurs-de-lis d'or, posées en sautoir.

CIMIER: *Un dextrochère vêtu d'azur, tenant un ruban d'argent à la légende, en lettres de sable, «Nostra Dama de Poym».*

ALPOIM — Em campo de prata um crescente invertido de vermelho.

TIMBRE: Uma adem de prata, bicada de oiro, sancada de vermelho.

D'argent à un croissant renversé de guele.

CIMIER: — *Une canette d'argent, becquée d'or et membrée de gueule.*

ALPOIM (2.º ramo) — Em campo vermelho um crescente invertido de oiro.

TIMBRE: Uma adem de prata, bicada de oiro, e sancada de vermelho.

De gueule, à un croissant renversé d'or.

CIMIER: *Une canette d'argent, becquée d'or et membrée de gueule.*

ALPOIM (3.º ramo) — Em campo azul um crescente invertido de prata e uma bordadura cosida de vermelho.

TIMBRE: Uma adem de prata, bicada de oiro, e sancada de vermelho.

D'azur, à un croissant renversé d'argent, et à la bordure cousue de gueule.

CIMIER: *Une canette d'argent, becquée d'or et membrée de gueule.*

ALPOIM (4.º ramo) — Em campo vermelho, um crescente invertido de prata, e uma bordadura de prata, carregada de cinco crescentes invertidos de vermelho.

TIMBRE: Uma adem de prata, bicada de oiro, e sancada de vermelho.

De gueule, à un croissant renversé d'argent, à la bordure du même chargée de cinq croissants renversés du premier émail.

CIMIER: *Une canette d'argent, becquée d'or et membrée de gueule.*

ALTAMIRANO — Em campo de prata, dez arruelas de azul postas 3,3,3 e 1.

D'argent, à dix tourteaux d'azur, posés 3,3,3 et 1.

ALTE — Em campo de prata nove flores-de-liz de vermelho, postas 3,3 e 3.

TIMBRE: Uma flor-de-liz do escudo.

D'argent, à neuf fleurs-de-lis de gueule, posés 3,3 et 3.

CIMIER: *Une fleur-de-lis de l'écu.*

ALTARO — Xadrezado de oiro e de vermelho, 4 peças em facha e 5 em pala, e no primeiro escaque uma estrêla vermelha de oito pontas.

TIMBRE: Um leão sainte, xadrezado dos esmaltes do escudo.

Vingt points d'échiquier d'or et de gueule, la première pièce chargée d'un étoile de gueule à huit rais.

CIMIER: *Un lion issant, échiqueté des émaux de l'écu.*

ALVA — Campo veirado, com um chefe de azul carregado de uma estrêla de prata.

TIMBRE: A estrêla do escudo.

De vair, au chef d'azur chargé d'une étoile d'argent.

CIMIER: *L'étoile de l'écu.*

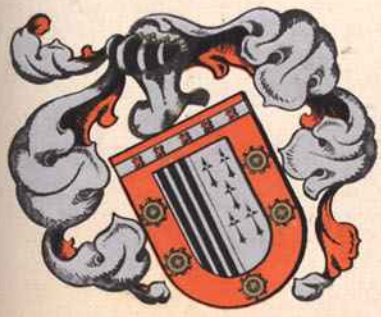
ALVARADO — Em campo de oiro 5 flores-de-liz de azul, postas em sautor.

D'or à 5 fleurs-de-lis d'azur posées en sautoir.

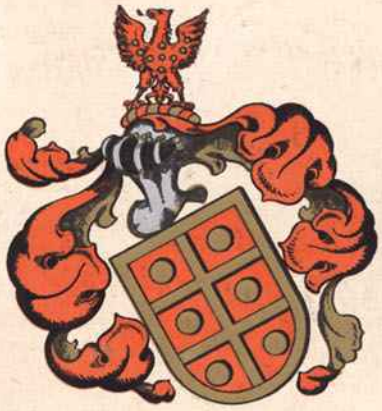
ERRATA. — Na tábua quarta, onde se lê, na última colana, ALVARO (de Espanha) deve ler-se ALFARO (de Espanha).

S. JORGE PORTUGAL

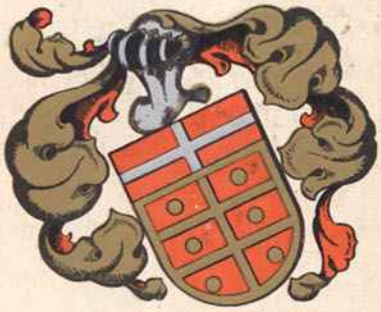
No Salão da Primavera, no Pôrto, apreciar-se há o magnífico e finíssimo AZEITE SANTA CRUZ, produto de SIMÕES, IRMÃO & C.ª, LTD.ª, das Devezas — Vila Nova de Gaia (Pôrto — R. do Almada, 181)



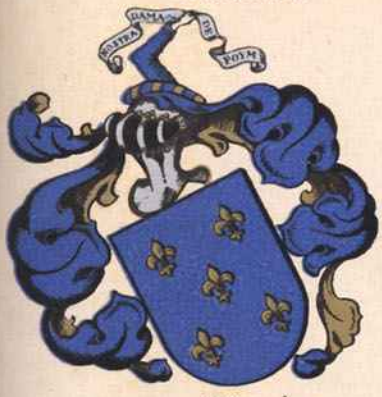
Almança



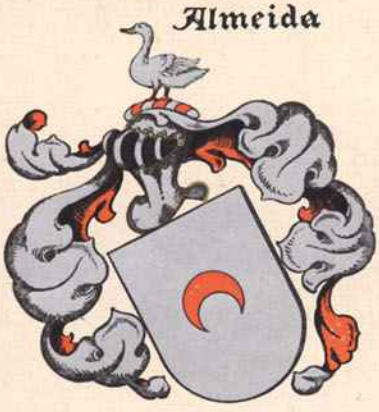
Almeida



Almeida



Alpoim



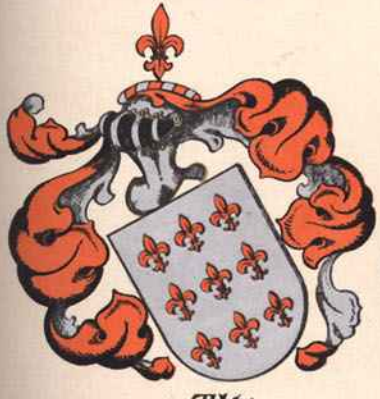
Alpoim

Alpoim

Alpoim

Alpoim

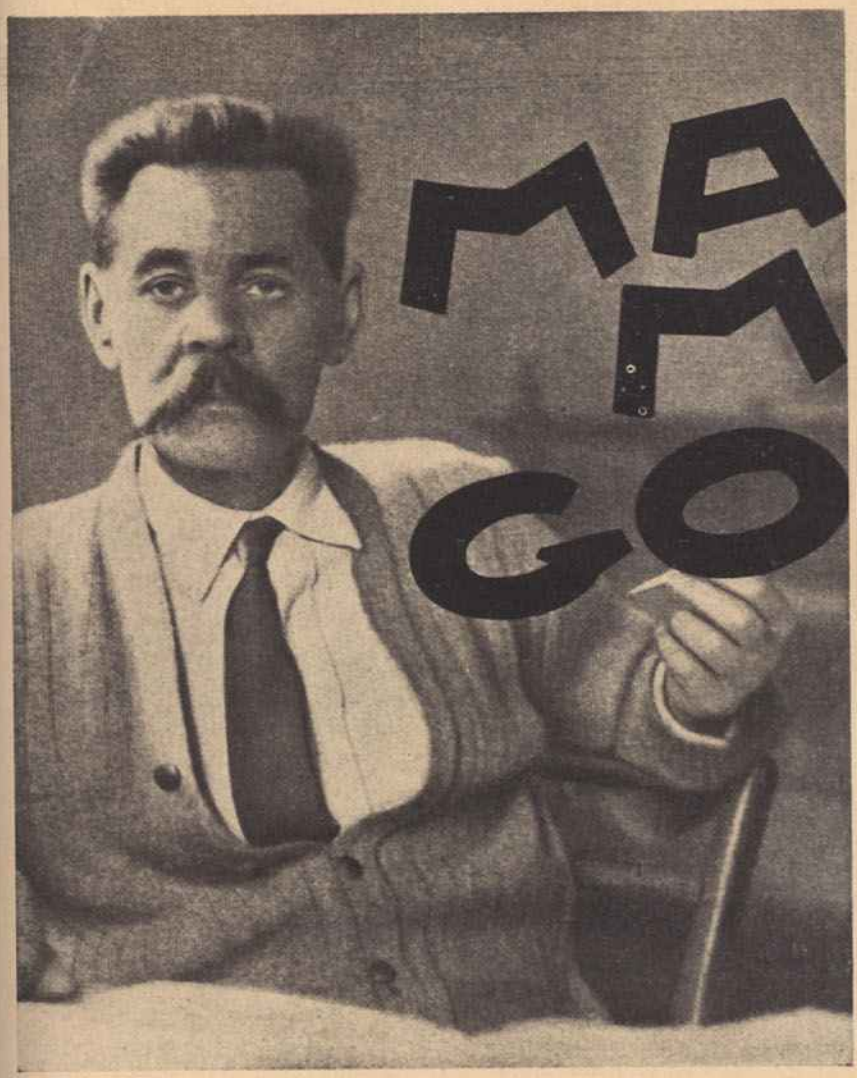
Altamirano



Alte

Altaro

Alva



UMA VISITA AO GRANDE ROMANCISTA RUSSO NA SUA CASA DE SORRENTO

A ilha de Cápri, de inverno, é uma perfeita imagem do Paraíso. A sua intensa vegetação, os seus pomares e o seu doce clima transportam a imaginação a visões de sonho e a uma paz de solene poesia.

Passei, entre os seus laranjais e o perfume das suas flores, oito dias plenos de encanto. Ao deixar Cápri para me dirigir a Sorrento onde se encontrava Máximo Gorki, ainda mais me foi dado admirar a formosa ilha.

Vistad o mar, Capri é uma sucessão de rochedos floridos de caprichosos recortes.

Às seis da manhã desci no elevador que conduz à práia. Entro no vapor que me transportará a Sorrento.

Impressiona-me a fina transparência da água; a dez metros de profundidade consegue-se ver a saüdação dos peixes aos visitantes.

O grande novelista dos contos da *steppe*, soube escolher um recanto admirável para viver. Vejo e admiro todo o Golfo de Nápoles envolto numa ligeira gaze a que poderei chamar a sua *toilette* matinal. Ao longe o Vesúvio impõe a sua magestade.

Penso o que virá a ser a visita a Máximo Gorki, e associo a idéa do vulcão projectando a sua sombra na limpidez desta água tão tranqüila e espalhando o seu fumo eternal sôbre a paisagem tão bela, tão suave. Penso que deve ser assim a actual existência do Mestre.

Chego a Sorrento.

Vista do mar, Sorrento, é um conjunto de ruínas dum efeito surpreendente Máximo Gorki vive numa vila a meia hora de caminho do lugar de desembarque.

A vivenda do novelista é uma das maiores vilas de Sorrento.

A casa de paredes muito brancas é cercada por um grande jardim com frondosas palmeiras e fechado num gradeamento bastante alto. Este gradeamento e o aspecto do portão fazem pensar numa destas vivendas em que os seus proprietários têm muito medo dos ladrões.

São nove horas da manhã.

Através o portão vejo um homem muito chique como um filho de milionário, de botas altas e calção como quem se prepara para saír a cavalo. Vim a saber que êste cavaleiro rico era o filho do formidável pintor

No Salão da Primavera, no Pôrto, estará representada a obra de JOÃO ANJOS, o famoso cinzelador, medalhista e esmaltador de Lisboa

dos vagabundos. Ao ver-me, o cavaleiro, parece desconfiado.

Anuncio-me como novelista que gostaria de visitar o Mestre.

O filho diz que Máximo Gorki não gosta de receber jornalistas. Em todo o caso seu pai só poderá ser visível pelas onze horas. Máximo Gorki está bastante doente. Levanta-se tarde.

Volto às onze horas. O filho do escritor espera-me no jardim.

Sou conduzido a uma sala de cinco metros por cinco metros e dizem-me que espere um momento. Pela janela volto a ver o Golfo de Nápoles e o Vesúvio.

O aposento é duma grande simplicidade; os móveis, nem modernos nem antigos nada revelam da personalidade do autor de *Os degenerados*. É uma ante-câmara neutral. Nas paredes apenas pude ver algumas reproduções de aspectos de Nápoles e do vulcão. Abre-se uma porta e entra uma mulher falando alemão. É a secretária do Mestre.

Diz que êste falará pouco porque está enfermo. Conduz-me ao seu escritório; é um gabinete de trabalho vulgar, em forma de corredor, cinco metros por três metros. Três janelas deixam ver o mar. O gabinete nada tem de especial. Mais aspectos de Itália; nada que revele a nacionalidade do escritor; nota-se a ausência de fotografias. Só a mesa, ao centro, está cheia de papéis. Próximo uma biblioteca relativamente pequena. Não dei pela entrada do Mestre.

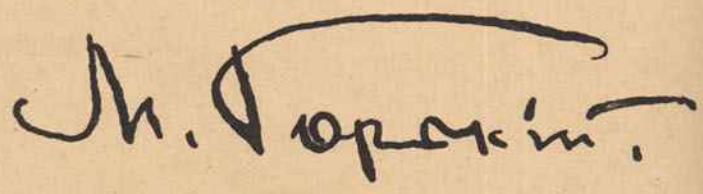
Êste entrou silenciosamente como um gato brincalhão. Máximo Gorki é um homem muito alto; a sua expressão é totalmente diversa da fisionomia dos retratos que têm uma expressão severa ao mesmo tempo satânica e trocista.

Há uma grande ironia no seu menor sorriso e nos seus gestos mais insignificantes. A-pesar do seu aspecto enfermiço revela uma invulgar energia. As suas sobrancelhas são muito carregadas e espessas como as de Clemenceau. Já não usa a cabeleira romântica que figura nas suas fotografias mais conhecidas. O bigode também já não tem as pontas caídas como os dos tártaros. Parece um bigode quási à americana. Os seus olhos são muito penetrantes, enormes, com um fogo extraordinário. A testa é alta, saliente, quási debruçada sôbre os olhos tornando-os ainda mais expressivos e diabólicos. Máximo Gorki deveria ter sido um panfletário temível.

Ao ver-me saüdou-me duma maneira que bastante me impressionou: curvou a sua enorme estatura, dobrando o tronco à altura das minhas mãos fazendo assim uma reverência aproximadamente de 90 graus.

Estranhei esta saüdação porque fazia de Gorki outra idéa, não o julgando tão obediente a preconceitos e a tradições.

Não sei porque esperava vê-lo vestido no seu gabinete de trabalho com uma blusa e o cinto como usam os *mujiks*, tal como estamos habituados a figurar Tolstoï.



A assinatura do grande romancista russo

Máximo Gorki aparece envolvido num rico *robe-de-chambre;* senta-se à mesa de trabalho com uma expressão indiferente; apoia nela os cotovelos juntando as palmas das mãos como numa prece. Aguarda assim com uma paciência irónica, a entrevista. Parece um Buda.

Está junto de nós a senhora alemã que nos serve de intérprete.

Ela diz que o Mestre tem pouco tempo. O médico está a chegar. Máximo Gorki só fala o russo.

Como eu estranhasse esta afirmação preguntei à intérprete se não poderíamos falar em italiano. A-pesar da longa permanência de Gorki em Nápoles êle não maneja o italiano. A intérprete comunica ao escritor a minha surpresa.

Gorki fala e a alemã traduz:

—Nunca tive tempo para aprender línguas.

Pregunto como pôde o Mestre conhecer o movimento intelectual e dos escritores mais representativos de cada país, os seus traços originais.

Gorki responde:

Foi um original; não precisa de conhecer a originalidade dos outros. Suspende. Não pode falar, porque a tosse vem interromper o diálogo.

Gorki volta a falar. Recorda passagens da sua vida, e mostra um grande interêsse pela Rússia. Receia que a sua doença não lhe consinta visitar o seu país como deseja. A sua grande aspiração era observar a Rússia-Nova, incógnito, a estudar a vida das oficinas e a verdadeira situação dos sábios e das crianças.

Procuro saber a sua opinião âcêrca da literatura russa moderna. Gorki fala-me da sua língua que é muito rica mas está mal trabalhada. Uma das suas fôrças foi empregada em trabalhar e criar vocábulos para a sua língua.

Falo-lhe da sua doença. Gorki diz que sempre que a doença o deixa escreve muito. Volta a interromper-se com novo ataque de tosse. A alemã informa sôbre a vida do Mestre. Levanta-se tarde. Escreve alguma coisa até à uma hora. Almoça e depois deita-se.

Gorki volta a falar. Mostra um grande interêsse em saber a impressão do mundo culto sôbre a Rússia-Nova.

A alemã interrompe-nos. Chegou o médico. Gorki vai deixar-me.

Deseja-me uma feliz viagem. Peço-lhe a assinatura. Êle acede.

Volta a saüdar a 90 graus e sai.

No jardim encontro o filho que me pregunta se achei seu pai muito doente. Felicita-me pela minha visita.

Deixo a morada muito rica do genial vagabundo, e quando volto a ver o Vesúvio recordo a elevada estatura de Máximo Gorki, a sua irónica indiferença, e os seus olhos de fogo onde parece brilhar o fogo inicial do vulcão do seu país.

HAJO MESDAG.

(Exclusivo da «Ilustração»).

No Salão da Primavera, no Pôrto, apresentar-se-hão os produtos eléctricos, universalmente afamados, da SOCIEDADE LUSITANA DE ELECTRICIDADE A. E. G.

Por êsse Mundo

Esta nova secção que criámos agradou em absoluto ao público que nos lê.

A aparição dêstes breves comentários, modestos e despretenciosos, se bem que cizados da mais profunda seriedade, despertou um salutar interêsse e não só recebemos elogios de muitos assinantes e leitores como também alguns jornais nos deram a honra de transcrições latas e elogiosas referências.

Um assunto cinegráfico. Em Lisboa, nesta Lisboa que se dá ares de cinéfila, passou há pouco um filme verdadeiramente espantoso. A realização de Carl Th. Dreyer, Paixão de Joana d'Arc é, com efeito, uma das obras geniais do cinema. Aproximando-se, pela sua índole altamente intelectual, das tentativas especulativas de «cinema puro», fugindo a tôda a banalidade e a toda a ficção, esta obra grande é, sobretudo, um soberbo hino à verdade. Tudo ali vive uma vida viva. Não há maquilhagens nem trues fotográficos; tudo ali é arte, emoção e talento. As interpretações soberbas de Falconetti, numa Pucelle comovedora de simplicidade e de Sylvain, o decano da Comédie, no Bispo Cauchon, duma verdade empolgante, estão a par da propriedade inexcedível da execução. O público, claro está, não gostou. A nosso lado, uma menina cujo papá lhe permitia a ausência de sãias e de educação, ria selvàticamente com outras meninas, porque notaram um soberbo anacronismo: em certo grande-plano um dos acólitos de Cauchon trazia óculos redondos, de pulidos aros de latão, a que as espirituosas «Jazz-baby» chamavam, eruditamente, «óculos à Harold»! Notei que estas meninas, junto às mamãs, apreciavam deliciadas umas cenas, algo escabrosas, duma comédia alemã que apareceu por mal dos nossos pecados.

E já que estamos em maré de «fitas». No mesmo programa cinegráfico exibia-se um «Documentário português». Tentava, o dito mostrengo, mostrar-nos as magníficas belezas de Palmela e o seu castelo. Mas as legendas eram num português ridículo, a fotografia detestável, os enquadramentos charros e aborrecidos, a técnica de laboratório verdadeiramente lastimosa. Enfim... uma vergonha! A lei obriga à exibição do filme português? Pois é bom que só classifique assim os filmes que não nos envergonhem e não sejam, em vez de elementos de propaganda turística, verdadeiros instrumentos do êxodo de algum estrangeiro que aqui cáia por acaso... e vá ao cinema. Assim, é preferível acabar com a comédia dos filmes portugueses.

*

No nosso último número que, seja dito de passagem, obteve um excepcional sucesso, inserimos uma fotografia da Procissão da Cinza, em cuja legenda, por lapso, se citava a localidade em que se realizou a cerimónia como sendo a Póvoa de Varzim. Oh démo, o que fizeste tu!... Nesta redacção caíram cartas sem conto com recriminações, admoestações e ameaças, dalguns poveiros, porque não queriam confundir-se com os de Vila do Conde, de outros, habitantes desta última vila, que acusavam os da Póvoa de nos terem peitado para que fôssemos cúmplices seus no apropriar de gloríola que lhes não pertencia... Até a imprensa local, em protestos que nos chegaram cercados a grosso traço azul e com honras de primeira página, enfileirou nesta guerra do alecrim e mangerona!... Mas... Santo Deus... quando acabarão, na terra portuguesa tão solertes rivalidades?... A procissão foi em Vila do Conde... Pois muito bem. A linda vila fica tão pertinho da Póvoa, são ambas terras tão lindas e nobres e cheias de futuro, os homens de uma e outra praia são tão irmãos na Raça e no Destino e na Luta de todos os dias contra o Mar, inimigo comum, que bem de desculpar é o êrro da redacção... que oxalá não fôsse notado que sinal era de entendimento e amizade entre os homens, bons e portugueses todos, das duas lindas praias nortenhas.

*

Morreu o marechal Foch, o homem a quem todos os altos chefes aliados, ciosos do mando, entregaram o comando supremo e com êle a sorte do mundo. O marechal Foch, perseguido muitas vezes pela inveja, perseguido pelas suas opiniões políticas, fazendo parte, à cabeça, de uma célebre lista de militares que, pela sua extremada fé religiosa, não deviam nunca subir até onde o seu valor lhes dava direito, foi um homem que soube sofrer, soube esperar, soube confiar e soube vencer, para, logo após a Vitória, que lhe daria a omnipotência, se recolher em si mesmo, sem uma desforra, sem um gesto de hostilidade quási legítima contra os que o tinham, durante tanto tempo, feito sofrer acerbamente. Viveu como um justo e um herói e morre como um herói e um justo que leva a certeza de ter cumprido, serenamente, todo o seu dever. O luto pelo marechal Foch não pode limitar-se à França, porque tem que se estender ao coração de todos os homens puros e sãos que nêle viram uma das maiores figuras morais do seu tempo.

*

Realizou-se o nosso vaticínio sôbre a intervenção dos E. U. na política interna do México. Em nome de não sei quantos princípios inamovíveis da moral americana (um produto de conserva sui generis) o novo presidente ordena fornecimentos guerreiros ao govêrno do México, de fundas raízes constitucionais implantadas em revoltas e assassinatos, que lhe permitem a repressão sangrenta dos rebeldes, igualmente enraizados em análoga constituição e análogas malfeitorias políticas. Depois, a livre América, fecha com canhões as suas fronteiras, vedando aos rebeldes o sagrado direito de hospitalidade que nunca se negou a um foragido político. Os últimos revolucionários serão fuzilados pela frente e pelas costas, a um tempo, pelos dois presidentes, Hoover e Portes Gil. Está bem. Aos E. U. tudo parece permitido, como poderosos senhores do mundo e fabricantes de pactos e Fords em série. Pena é que, por educação, sejam adversos às leituras clássicas, pois que, se conhecessem as lendas antigas da humanidade, tão cheias de simbolismos magníficos, veriam como estava alta a Tôrre de Babel, de que nem vestígios restam, tão finamente se pulverizou ...

*

Acaba de ser lançado no mercado A sala n.º 6, um feixe de novelas do grande escritor russo Anton Tchekoff, pela primeira vez traduzido em português. É um volume, afoitamente o dizemos, digno de ser lido por tôda a gente, por tal forma é extraordinária a impressão que êle deixa no espírito de quem o lê. A sala n.º 6 e bem assim as outras novelas que acompanham a que dá título ao livro, são autênticas maravilhas da literatura mundial: a simplicidade e flagrância do estilo, o pungente das situações, a fina ironia que às vezes por elas circula e o grande espírito de bondosa piedade que as anima, tornam estas novelas verdadeiros modelos do género.

*

Ressurge a célebre questão do papel. Os papeleiros, com ameaças coercivas, com ardis e tortuosos processos, pretendem fazer vingar uma pauta proibitiva para o papel destinado a revistas e jornais, pretendendo, apesar de serem industriais de nacionalidade estrangeira, usufruir de uma protecção só justificável, em parte, a indústrias nacionais. E mais, os omnipotentes senhores do papel, pretendem que se lance uma taxa monstruosa sôbre papéis... que êles não sabem nem podem produzir. Conseguí-lo-hão? Julgamos que nunca um ministro assinará coisa semelhante. Equivalia tal acto a fazer desaparecer tôdas as revistas portuguesas, sempre em progressos honrosos para a nacionalidade, só para continuar numa protecção aos papeleiros que, à sombra da pauta, vai em trinta anos, nunca progrediram seja o que fôr no seu fabrico.

*

Levanta-se a especulação em tôrno da lei do limite de idade. E propositadamente, talvez, pretende-se dar ao acontecimento fôros de luta aberta entre velhos e novos, além de se querer confundir, lamentàvelmente, o afastamento de cargo público a que tem direito quem possa desenvolver maior actividade, com o afastamento das actividades mentais ou artísticas que ninguém impõe aos venerandos mestres agora em fôco. Temos por tôdas as figuras nestas condições a mais absoluta admiração e julgamos que serão êles os primeiros a fazer justiça a uma lei que lhes confere um descanço, que equivale a uma consagração, e os substitui por discípulos e admiradores que nunca esquecerão os seus mestres, a veneração que lhes devem e que neles encontrarão sempre o conselho ponderado, leal e amigo.

No Salão da Primavera, no Pôrto, exporá "Artigos de alta novidade e fantasia" a grande fábrica de malhas de DOMINGOS FERNANDES & C.ª — Rua dos Wanzeleres — Pôrto

PESSOAS QUE TODOS CONHECEM

UMA «DEMOISELLE CHARMANTE» E «RAFFINÉE» — O CARRIÇO QUE SEMPRE DISCORDA — O SR. VENTURA, GÉNIO INCOMPREENDIDO E DESVENTURADO — O «REPORTER» E A MAR DO ASSASSINO

A sociedade portuguesa está constituida por indivíduos que não sendo doidos no rigoroso sentido da palavra têm, entretanto, a sua mania. A discreta observação dessas manias proporciona-nos um espectáculo encantador, emociante como um bom filme ou uma boa peça de teatro.

É delicioso, por exemplo, tomar chá em casa de pessoas que, tendo uma noção exagerada da moda e da elegância, não empregam na sua linguagem senão palavras estrangeiras, e a sua delicadeza, que deveria ter por objectivo máximo a agradável facilidade das relações sociais, à fôrça de excessiva, acaba por nos maldispor intimamente até à agonia e o snor-frio.

Lembra-nos de há tempos nós, que não somos mal-educados, mas tam pouco cerimoniosos em excesso, termos passados os momentos mais horrorosamente delicados de nossa vida em face de uma menina casadoira, cujos pais, bons burgueses que pretendem aristocratizar-se, nos haviam convidado a tomar chá.

Essa menina, que para o efeito pode chamar-se Maria do Carmo, cumulou-nos de gentilezas, afirmando-nos descaradamente em nosso rosto que tinhamos um talento verdadeiramente *raffiné*. Tivemos a coragem de não pestanejar e, para não fugirmos ao tom *raffiné* da conversa, confessámos que ela tinha uma beleza *charmante*. Mas — ai, de nós! — não contavamos que *mademoiselle* Maria do Carmo, babosamente observada pelos papás, detinha o monopólio das palavras francesas na conversação portuguesa. Pretenciosa, erguendo em arco as sobrancelhas aparadas à tesoura, dando um geito possivelmente gracioso à boca em til, foi-nos dizendo:

— Se não fôsse uma *gaucherie* de minha parte, confessava-lhe, *mon cher*, que a sua frase me deixara verdadeiramente *ravie*. As amabilidades dos homens são como que o *soutien-gorge* da hipocrisia. Se fôssemos a acreditá-las seria uma *débacle*.

Verdadeira *débacle* nos pareceu esta maneira moderna de ensinar as raparigas a conversar com pessoas mais ignorantes do que elas. Como desconhecessemos aquela linguagem tão estranha preguntámos à menina Maria do Carmo se preferia continuar em francês a nossa agradabilissima conversa.

— Não — respondeu ela — porque você rir-se-hia de mim. Aprendi o francês, *à vol d'oiseau*, com uma mestra italiana. *C'est dommage* que meus pais não tivessem de preferência escolhido, para me ensinar uma *miss*... francesa. Sinto-me verdadeiramente, como direi, *touchée*...

E durante cêrca de uma hora a encantadora Maria do Carmo falou naquela linguagem híbrida, terminando, por à despedida, me pedir um *shake-hands* de *bon ami*.

Ora, digam-nos os leitores se não é um encanto viver numa sociedade assim e se o bicho homem não é o animal mais divertido do universo?

Passando em leve citação os que ao conversar commosco nos empurram constantemente com a mão, ou nos puxam os botões do casaco e endireitam o nó da gravata, lembramos uma outra espécie de bípedes que tôda a gente conhece e nós para aqui destacamos na pessoa do senhor Carriço.

É um espírito de contradição.

— Bom dia, senhor Carriço, como vai essa saúde?

Êle, que tudo contradiz, responde:

— Nem bem nem mal, antes pelo contrário...

— Tem feito um tempo magnífico.

Carriço discorda:

— Perdão, não é bem assim. O tempo não se pode considerar magnífico, embora o céu esteja limpido, a atmosfera suave, branda, e as noites de luar sejam o encanto dos namorados. Não, meu amigo, magnífico não é, porque as plantações se estiolam com falta de água, as hortaliças estão atingindo preços colossais e muitas novidades encontram-se totalmente perdidas.

— E se chovesse um pouco, amigo Carriço?

— Continuaria a não ser magnífico, porque se tornaria desagradável a você, a mim e a muitos outros que, pensando na sua felicidade pessoal, olvidam as necessidades da agricultura.

— Então?...

— Tempo magnífico é coisa que não existe.

A lógica de Carriço é indomável não se pode lutar contra ela. A mais leve frase que pronunciemos é por êle imediatamente reduzida a pó, cinza e nada...

Sustenta com facilidade duas opiniões perfeitamente antagónicas e se, cheios de boa vontade, queremos concordar com êle possui ali à mão argumentos formidáveis com que repele a nossa concordância.

E enquanto êste exemplo se afasta, permitam-nos os leitores que lhes apresentemos o sr. Ventura, que é uma das pessoas desventuradas do mundo.

Alto e magro, coroado de cabeleira hirsuta, o sr. Ventura tem a configuração da piaçaba. Macilento, olhos raiados de amarelo, deve sofrer do fígado, com certeza.

Na roda de seus amigos, consideram-no um grande e infeliz talento porque seus conceitos muito elevados não são acessíveis à multidão. Por esta tem êle o máximo desprêzo, afirmando que é sempre inferior a obra que tôda a gente compreende. Há, porém, um grupo de *habitués* do café que êle freqüenta que o escuta em estático silêncio, absorvendo a sua palavra com tanta delícia como absorvem por uma palhinha carapinhadas coloridas.

Nunca publicou um romance, nem um poema, nem um artigo sequer, mas sabe-se que é um romancista genial, um poeta admirável e um articulista brilhante. Jàmais fêz uma peça teatral, mas o Teatro não tem segredos para êle. Ali, no café, no contacto de meia dúzia de pessoas inteligentes e cultas, que o consultam sôbre os mais variados e vastos problemas do saber humano, Ventura criou a bela fama que, transmitindo-se aos grandes jornais, em forma de entrevista ou de respeitosa citação de uma frase sua, o tornou célebre em todo o país e mesmo no estrangeiro.

Consta vagamente que após a sua morte se encontrarão documentos eloqüentíssimos da sua enorme inteligência, os quais êle guarda ciosamente em sua casa. Mas como ainda não é velho e a-pesar da doença do fígado não falta nunca ao cavaco do café, só muito tarde a humanidade virá a conhecer as maravilhas do seu génio.

Em compensação outras pessoas há que por muito escreverem pouca consideração merecem dos meios cultos da nossa terra.

O sr. Mariano é *reporter* de um grande jornal de informação; pertence ao que em linguagem jornalística se designa por *secção de ruas*. Esta secção é na imprensa diária das mais fatigantes, pois implica grande tensão de espírito a fim de não deixar escapar um único pormenor dos acontecimentos que se focam, longas caminhadas, noites perdidas, canseiras e até perigos de vida.

Mariano vive febrilmente sempre a pensar nas *caixas* que pode dar, no retrato do assassinado, no parádeiro da mãe da vítima e nos interrogatórios da polícia.

Se há revolução, aí o vemos, de *side-car*, em loucas correrias por essa cidade para saber de onde partiu a granada que às 15 horas, dois minutos e três segundos arrombou a parede mestra do prédio número 129 da rua de S. Bento, partindo três pernas de uma mesa, perfurando o fundo de uma cadeira, estilhaçando oito pratos de sopa, cinco copos de cristal e um grande jarro de louça das Caldas, ferindo ao mesmo tempo, num braço, o dono da casa, sr. Augusto da Silva e Costa, empregado superior da Caixa Geral dos Depósitos, com o ordenado de mil duzentos e cincoenta e três escudos, sujeitos a descontos; na cabeça, sua filha Hermínia da Silva e Costa, de 12 anos de idade, que tinha feito na véspera exame de instrução primária, ficando distinta, e numa perna, de raspão, sua esposa D. Filomena da Costa, que aos altos gritos revelou ter endoidecído de susto, coitadinha.

Para saber todos êstes pormenores Mariano é capaz de entrevistar o Demónio e descer às profundas do Inferno.

Para melhor se apreciar o trabalho enorme que êste grilheta da imprensa, miseravelmente pago, tem em enquadrar numa reportagem fatigante tôdas as minúcias laboriosamente colhidas, transcrevemos na íntegra um período de uma das suas mais famosas crónicas sôbre um crime de homicídio:

«Nisto entra Maria da Conceição Pereira, o cabelo em desalinho, e a boca dolorosamente contorcida.

— Meu filho, António da Conceição Pereira, ex-contínuo número 343 do extinto Comissariado dos Abastecimentos que foi situado no largo de São Roque, que tens quatro prisões por furto e outra por vadiagem, contas trinta e cinco anos de idade, nasceste em Fornos de Algodres e, para roubares três contos, seiscentos e sessenta e cinco escudos e quarenta centavos; assassinaste ante-ontem à machadada Joaquim Leite, de vinte e cinco anos, solteiro, natural de Arronches, regressado há pouco do Brasil onde se empregava na Xlfândega! — exclamou ela.»

Êste jornalista não é positivamente um génio incompreendido como o sr. Ventura. Tem pelo contrário, a bela qualidade de se fazer compreender de uma maneira excessiva.

Na observação dêstes tipos que vivem em redor de nós encontram-se prazeres inegualáveis.

MÁRIO DOMINGUES.

No Salão da Primavera, no Pôrto, far-se-hão ouvir as últimas criações de "His Master's Voice", a marca de gramofones e discos de maior fama

MONUMENTOS DE PORTUGAL — PORTAL DO CONVENTO DOS REMÉDIOS (BRAGA)

No Salão da Primavera, no Pôrto, estarão expostas as fotos de arte de Henri Manuel, de Paris, e Mário de Novais, de Lisboa

UM GRANDE PINTOR VASCO

AURELIO ARTETA

Aurélio Arteta e o escultor Victorio Macho, dois casos excepcionais de domínio absoluto do desenho, construem sempre sôbre sólidos materiais. O desenho neles é seiva absorvida no espírito para nutrir as raízes de todos os outros elementos de valor. Assim, observação de formas, proporções de volumes, equilíbrio de planos, esbatimento de sombras, tudo que é parte componente ou pormenor complementar obedece em ritmo formal ao domínio dum gráfico poderoso e personalíssimo que todos os espíritos atrai e todos os olhos compreendem. É, sem dúvida, por esta virtude de comunicabilidade que aquele sentido universal e determinativo da égide artística espanhola na sua posição eterna — eterna para ser artística, pese ao lúcido espírito do dr. Augusto de Castro, que afirma precisamente o contrário — dentro da história da beleza plástica, vai encontrar, nos modernos tempos, expressão culminante na obra dêstes dois artistas insignes.

* * *

Pela pintura de Arteta podem almas estranhas penetrar em Espanha sem mistérios, sem bruma, nem interrupções. O ar é límpido e sereno, os horisontes abertos, o entendimento claro, os caminhos amplos e regulares, as balizas definidas. Não há interpretações a descobrir, enigmas a decifrar, nem psicologias a entender. Tudo é simples e elevado; puro, leal e generoso. Como ponto de orientação, *aquela qualidade da qual tôdas as outras dependem, ou, pelo menos, muitas delas, conforme relações fixas,* na frase justa e concisa do mestre Taine. E nada mais. Ou, por outra, e já é tudo.

Retrato de S. M. El-rei D. Afonso XIII

* * *

Sorolla, Solana e Zuloaga — três casos típicos, bem evidentes, distanciados pela estructura da sua sensibilidade diversa, talvez os três pintores mais representativos da psicografia tradicional da raça desde Goya para cá. Fruto da terra — os três. Os três — grandes pintores. Contrastes de luz por domínio de luz, contrastes de sombra por tragédia de sombra, contrastes de côr pela eloqüência da côr. Se a luminosidade do Mediterrâneo teve em Sorolla um intérprete superior e obediente, o mundo sombrio e complexo de Solana, angustioso e sarcástico, em rasgos de inexcedível delicadeza e freqüentes alardes de repulsiva expressão, comprazendo-se na fealdade das coisas com um sublime estoicismo que arripia e maravilha, blasfemando aqui, acariciando ali, amarfanhando além, já *clown*, já santo, já carrasco ou supliciado — de tudo tem êste desconcertante Solana — põe-nos em contacto com êsse espírito desconexo e incompreendido, repleto de imprevisto e de dolorosos incógnitos, que geme a tragicomédia de Calixto e Melibea e a que não são estranhas, por irreverente paradoxo, as torturas do místico Fr. Luís de Granada. Quanto a Zuloaga, as figuras dos seus quadros são a Castela humanisada, e passe o catitismo do termo. Pela eloqüência da côr, os homens fundem-se na paisagem e os próprios corpos são terra e sol de Castela. Zuloaga não toca a tragédia; detem-se no scenário.

A compreensão ampla e lógica dêstes três

A volta do trabalho

O Salão da Primavera, no Pôrto, tem o patrocínio das ilustres colectividades Associação Industrial, Associação Comercial, Associação dos Comerciantes e Centro Comercial, da capital do Norte

pintores obriga a pulsar almas, penetrar espíritos, percorrer recônditas sendas. A raça tem as suas fatalidades ancestrais que nos são imprescindíveis para o seu completo entendimento. Ao passo que, pela pintura de Arteta podem almas estranhas penetrar em Espanha sem mistérios, sem bruma, nem interrupções.

Julgar, por isto, que se deve atribuir ao grande pintor vasco uma posição menos nacional dentro do panorama artístico do seu país — é julgar levianamente. Arteta, sendo racialmente espanhol, atingiu uma serenidade contemplativa que lhe permite assistir ao espectáculo da vida com os olhos bem abertos e a alma clara, sem perspectivas místicas, pessimismos escuros ou coloridos *sonoros* — pintura de Valencia — revestindo a sua arte daquele sentido universal que todos os velhos compreendem e tôdas as almas penetram. A tradição, nele, é virtude evolutiva e dinâmica, que esquiva raízes de localização e consegue desferir vôos sôbre psicologias colectivas que, correspondendo ao ambiente de determinada época, só têm hoje para nós um valor histórico e documentário. No campo literário, é talvez esta a principal significação da obra de Ortega y Gasset, o escritor, por isso mesmo, mais procurado e melhor compreendido além das fronteiras hispânicas.

Vendedora de sardinhas

* * *

Há meia dúzia de anos que Madrid abriga entre seus muros — os mesmos muros que abrigam o Museu do Prado, os Goyas de Santo António de La Florida, os quadros de S. Francisco el Grande, o Museu Romântico, o de Arte Moderna, o da Real Escola de San Fernando — um novo local de Arte que deve ser visitado por todos aqueles que pretendam ter uma impressão cabal dos seus tesouros artísticos: — os maravilhosos frescos do átrio do Banco de Bilbao, devidos ao pincel de Aurélio Arteta, onde a profusão de côres, sabia e primorosamente distribuídas, serve para realçar a sua formidável característica — o desenho.

Aconselhamos esta visita a todos os nossos conterrâneos que passem por Madrid. Os magníficos frescos dão por si só a medida exacta do quanto vale hoje em recursos de técnica, sensibilidade e observação a moderna pintura espanhola.

O retrato de D. Afonso XIII, que figura na Câmara Municipal de Bilbao, se não estamos em êrro, é outra das obras primas do notável pintor. A nobreza e a dignidade da figura resalta em profundidade e elevação. Reparem com que simplicidade e limpeza de processos se conseguiu esta obra. Nem uma só linha acessória. Se os efeitos assentam em contraste, êstes formam-se no próprio espírito da personagem. O sentido arquitectónico da composição harmonisa perfeitamente com todo o significado do conjunto.

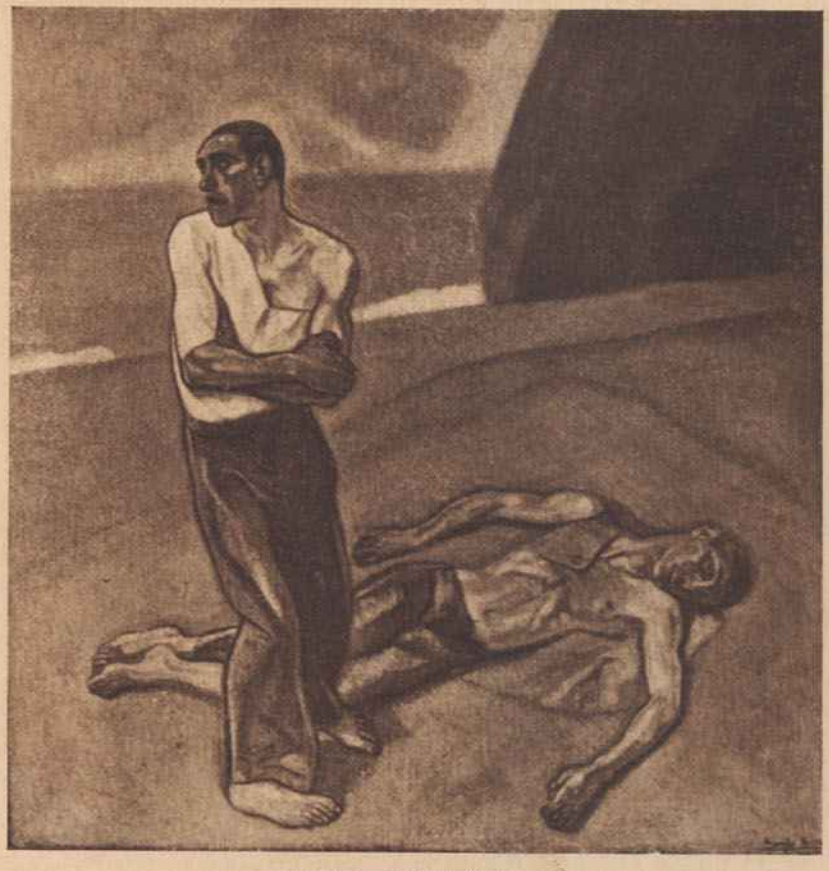
O mar é forte, másculo, imponente e êsse alento de fôrça não podia faltar na sardinheira de Arteta. Realizou-se assim uma admirável figura de Mulher, sem recorrer à frágil feminidade do tópico com que o retratista da moda consegue embasbacar as respeitáveis famílias da alta.

Descarga de peixe

Abundam na sua obra os temas estructuralmente vascos. (Não confundir com regionalmente vascos). A elegância, a fôrça rítmica dessa grande raça do mar, atinge nos seus quadros poderosa expressão de ambiente definido e comunicativo.

Eis um artista que, à fôrça de desenho, marca, com Victorio Macho, nos modernos tempos, o ponto culminante do sentido universal e determinativo da égide artística espanhola.

NOVAIS TEIXEIRA.



O crime — Painel decorativo

No Salão da Primavera, no Pôrto, exporá ALINANDA o livro "Arte de Bem Comer" uma maravilha num "stand" maravilhoso de pitoresco

Cinematografia

TRÊS HORAS... UMA VIDA!...
COM
CORINNE GRIFFITH

Nove badaladas num relógio velho de lojéca... Noite... uma rua escura... O milionário James Finlay, atrahido aos bairros pobres da cidade pela necessidade de matar o seu *spleen*, entra num ajuntamento que se forma em redor dum caso da rua. Junto dêle está uma linda rapariga, pobremente vestida. Finlay nota-a mas ela, a breve trecho, desaparece. Então, o milionário sente que lhe roubaram a carteira. Persegue a fugitiva mas ela desaparece no torvelinho das ruas cheias de populaça vinda do trabalho. James Finlay volta à cidade central e vai esquecer aquele incidente que lhe custou o recheio avultado da carteira quando, à saída dum armazem de modas, encontra uma mulher sumptuosamente vestida. Reconhece-a; é a ladra de ha pouco. Deita-lhe a mão e vai conduzi-la ao comissariado. Mas a linda rapariga pede-lhe que lhe conceda três horas de liberdade, durante as quais êle a poderá acompanhar por tôda a parte e findas as quais ela se entregará, abandonando-se, ao destino e ao castigo. O jóvem argentário, seduzido pelo inéditismo da aventura, acede imediatamente. A linda mulher, ataviada principescamente, tem um desfalecimento... confessa que tem fome. Enquanto se reconfortam em casa de James, ela conta-lhe uma história singular.

Chama-se Maggy, casou há quatro anos com um dos mais ricos armadores da cidade, Jonathan Durkin, mas o ciume doentio de seu marido, atingindo o inconcebivel, leva-la hia ao suicidio se não encontrasse no amor duma filhinha, Minnie, a razão única da sua existência.

Mas um dia, dá-se a catástrofe. Jonathan, num acesso, expulsa de casa, com escândalo público, um amigo de infância de Maggy, suspeitando da honorabilidade de sua pobre esposa. Maggy, sob o império da vergonha e da cólera, foge de casa, escrevendo ao marido uma carta em que, inconsideradamente lhe diz que parte a reünir-se com o homem que êle, indignamente, expulsou. Mas, logo que abandona o palacete, a pobre rapariga cai em si e a saüdade de

Pediu-lhe para lhe conceder três horas de liberdade...

Jonathan, num acêsso, expulsa de casa um amigo de infância de Maggy

Maggy estimara a história dolorosa...

...mas o milionário ficara impassível.

O Salão da Primavera, no Pôrto, tem a colaboração da grande firma P. SOLER, representante da Casa Gaumont na montagem de haut-parleurs anunciadores

sua filha obriga-a a voltar. Mas é tarde! Jonathan Durkin teve tempo de ler a carta.

Jonathan Durkin finge querer impedir sua esposa de ver a filhinha adorada...

Servir-lhe há para obter o divórcio e a separação da pequena Minnie de sua mãe.

Durante um ano, Jonathan, na sua demência, recusa a Maggy a licença para ver a pequenita. Ela insiste sempre e nesse dia recebeu, enfim, uma carta autorizando-a a ver a filha às dez horas da noite. Mas a pobre rapariga está à mingua de recursos, passa miséria, anda vestida de farrapos e pensa como a criancinha, outróra, se extasiava ante a elegância e a beleza de sua mãesinha querida...

E não quer aparecer à filha naquele estado, não quer que, naquela única entrevista, Minnie perca as saüdades da sua linda mamã. Uma pobre remendada... nem a criança a reconheceria!... Maggy, como louca, lança-se à rua a mendigar... mas ninguém a socorre. As horas vão avançando implacavelmente, vão-se aproximando as dez horas... a desgraçada não sabe o que faz... e numa súbita alienação de todo o seu raciocínio, rouba a carteira ao milionário imprudente... Será responsavel desta súbita loucura?...

James Finlay fica impassível ante êste conto que o faz desconfiar. Decide-se a acompanhar Maggy até à casa que esta lhe indica. É na verdade o palacete de Jonathan Durkin mas a infeliz não terá a dita de ver, mais uma vez, a sua filhinha. O marido finge opôr-se, violentamente a que ela frua a autorização que lhe deu e por fim, com a intervenção de James, acede a que a esposa entre no quarto de Minnie.

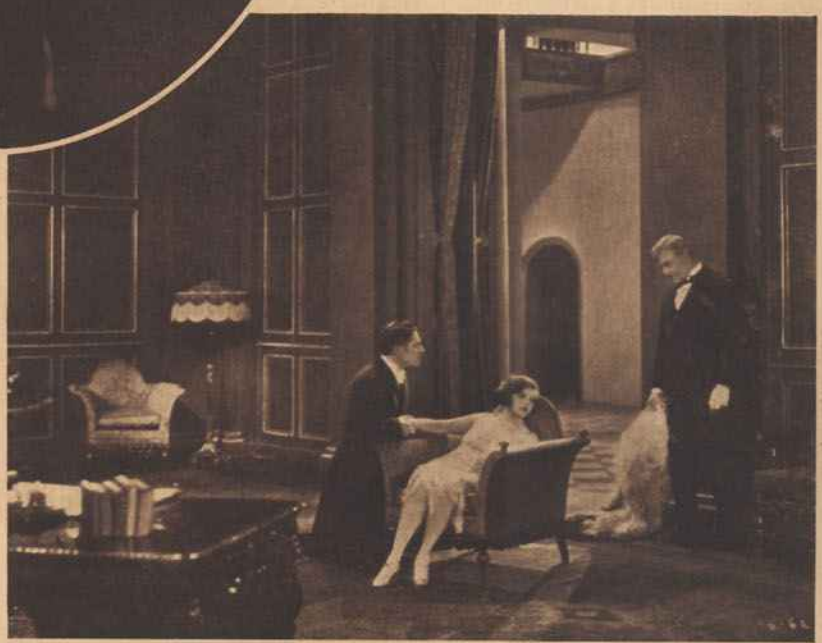
Mas a pobre mãe só pode contemplar, louca de dôr, o cadáver de sua filhinha, morta nesse mesmo dia... O cruel Jonathan dera-lhe, enfim, a esperada licença de beijar a criança quando esta deixara de existir.

James Finlay enfurecido, exproba a indigna atitude do velho que, calmo, por fim, na consciência do que fêz, se mostra sucumbido e começa a deixar correr pelas faces as primeiras lágrimas que o seu desmedido orgulho consente.

Mas Maggy perdeu os sentidos. O milionário Finlay compreendeu o seu sofrimento espantoso. Leva-a com êle... vai esforçar-se por lhe fazer esquecer a tragédia... e talvez, um dia, o amor lhe traga a consolação e a felicidade...

Onze badaladas no relógio grave do velho armador...

...Três horas se passaram... Uma vida triste acabou para renascer em outra vida embalsamada de aromas fragantes!



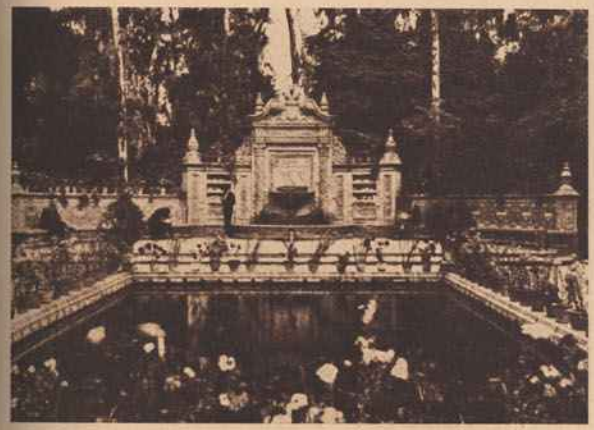
Mas James percebia agora quanto a pobre rapariga sofrera e recriminava o velho...

No Salão da Primavera, no Pôrto, estarão expostos os maravilhosos "Tapêtes de "Beiriz" de Carlos de Miranda e D. Hilda Brandão de Miranda

Primores de Sevilha

A figura de Sancho, na «Glorieta del Quijote»

A «Glorieta de La Virgen de los Reyes»



Outro aspecto da «Glorieta de Los Quinteros»

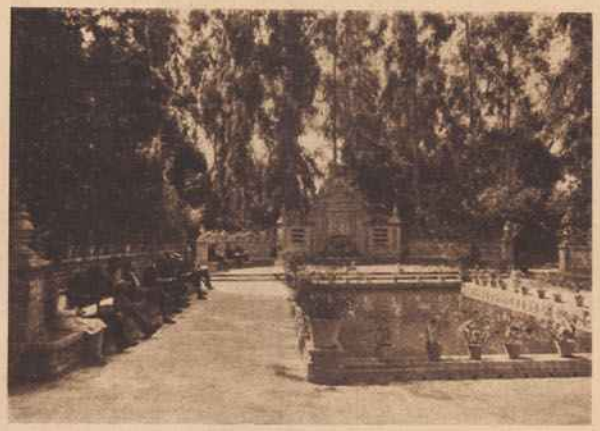
A figura de D. Quixote na «glorieta» do seu nome

AS "GLORIETAS" DO PARQUE DE MARIA LUISA

Como que engastadas na fragância e na policromia das inúmeras flores que embelezam, alegram e perfumam o maravilhoso Parque Maria Luisa, oferecem-se à admiração de tôda a gente as preciosas *glorietas* que ali se encontram.

São lugares de remanso, sossêgo e calma para os espíritos fatigados e doloridos; paraísos de sonho para as almas que o Amor alenta e vivifica; trechos de paisagem aonde o mistério reina incendiando o peito de cada um com infinitas, inefáveis emoções.

São, em última análise, caminhos doirados que nos fazem negaças com um céu donde chega até nós a felicidade no carro de ouro da Primavera, deusa tutelar dêstes jardins tão acolhedores para o encanto e a alegria da juventude.



A «glorieta» dos Irmãos Quintero

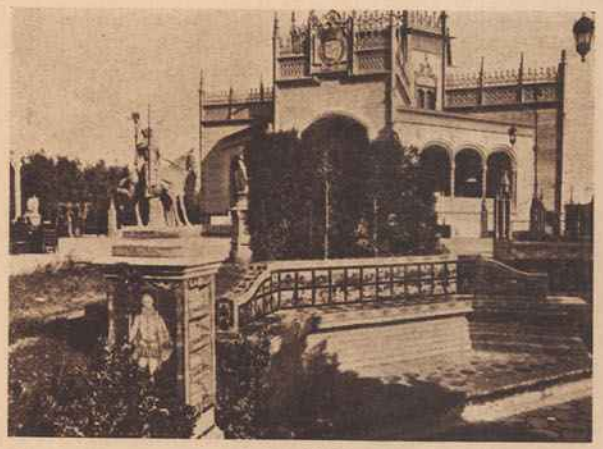
Rodeia-as o dôce ambiente de um ar tíbio e perfumado pelas mil delicadas essências das rosas, os jasmins e nardos orientais; envolve-as durante o dia a luz esplendorosa do sol mais radiante e fecundo; cubiçam-as o céu, dum azul puríssimo e as claridades mais cristalinas da luz solar. Ao cair da noite, quando domina a soledade por tôda a parte e a lua resplandece no firmamento, as *glorietas* tornam-se cendais de finos tecidos rodeando o conjunto e engalanando-o com a formosura duns castos, ténues e imaculados véus.

E como o espírito se recreia durante as noites de prata refugiado nestas *glorietas* de sonho, fiando na roca do pensamento os fios subtis que irão entretecer, no verso de oiro da mais encantadora e sábia poesia as mais emocionadas palavras dos nossos queixumes e dos nossos amores!...

Tudo é — durante aquelas horas e naqueles lugares — ritmo para a nossa vida, escada para o nosso pensamento, música para a nossa poesia e deslumbrante claridade para os nossos vagos anelos.

Com suas mãos nevadas leva-nos para o reino dos sonhos a recatada solidão; os enciumados rouxinóis dão-nos os acordes de suas harmonias para o acento das nossas rimas; os suavíssimos clarões que nos rodeiam, além de incendiar nossos olhos, cegam-se deliciosamente de amor...

E, assim, entre tantas belezas e deliquios, os instantes das nossas vidas contingentes,



A «Glorieta del Quijote»

A «Glorieta de Las Padonas»

nestas recônditas *glorietas* são como os contados momentos da felicidade que esperavamos numa terra santa e prometida.

Ponsemos a mariposa branca do nosso anhelar nesta umbrosa *glorieta* que perpetua a memória sagrada do mais alto poeta sevilhano, Gustavo Adolfo Becquer. Sob a pompa de um corpulento roble de esmaecidos ramos, ergue-se a nobre figura do dolorido cantor, resplandescendo-lhe a fronte espaçosa como a estrêla de guia dum presépio.

Cruza o perfumado espaço um amor coroado de rosas, batendo asas e despertando tempestades de desejos e inquietações no seio de três lindas sevilhanas que estremecem ao sentir passar o cruel e pequenino Deus vendado...

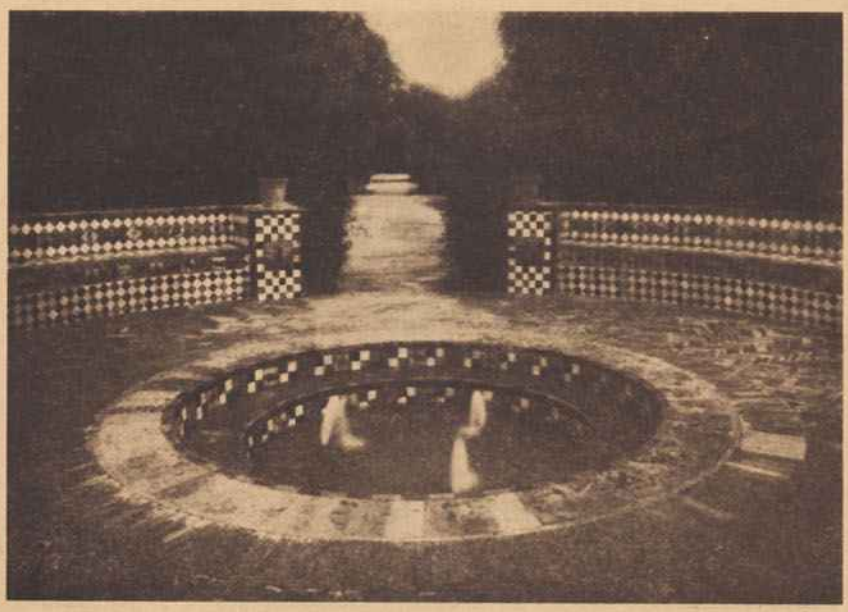
Na base que sustenta os duros e brancos mármores do monumento outra imagem do Amor jaz por terra, atravessado o peito por um certeiro e agudo punhal.

E completam a maravilha de tão emotivo panorama os espinhosos ramos de um silveiral, os brandos ninhos das *oscuras golondrinas* e os delicados liames das floridas campainhas azuis... E veem à nossa memória subitamente, à vista de tão impressivos símbolos os melancólicos e doces versos do desgraçado poeta como um bando de pombas arrulhantes entre um exame de abelhas que atacam e ferem...

Todos os ecos e sentimentos da poesia de Becquer se tornam em música e melancolia na preciosa *glorieta:* gosa-os a nossa alma como que banhada na benção de uma graça celestial.

Detenhamos depois os nossos passos em outra peregrina *glorieta* — a de D. Quixote — destinada a glorificar e evocar a lingua castelhana. Admiremos a figura do *loco cuerdo* e a de Sancho Pança, cinzeladas em tijolo duro e tosco pela destra e carinhosa mão dum artífice sevilhano, e enchamos de luz o nosso olhar com o brilho dos azulejos aonde se reproduzem as mais vivas e preciosas scenas do livro imortal.

A «Glorieta de Bécquer»



A «Glorieta de los toreros»

E abençoemos a idéa que fêz levantar, entre flores, tão singelo monumento para honra e memória de Cervantes.

Noutro lugar admiramos a *glorieta* das Pombas, gracioso alarde de delicadeza e cultura; a dos toureiros, panorama duma festa tôda ela sol, virilidade e entusiasmo. E finalmente a dos Quintero, em honra dos mais egrégios dramaturgos sevilhanos neste ano de graça do Senhor.

Oh as *glorietas* do Parque de Maria Luisa! Nada como êstes transumptos do Paraíso, nem como estas milagrosas sendas conductoras da alma aos páramos da emoção e do Ideal!...

J. Muñoz San Román.

O AMOR
(COM MUITOS PARENTESIS)

POR AURORA JARDIM ARANHA
ILUSTRAÇÕES DE ILBERINO DOS SANTOS

ANTES

A Maritereza tem vinte e oito anos plenos de luz. Quando ela passa os homens prendem os olhos à harmonia do seu andar. Quando ela fala, bailam ritmos encantados nos ouvidos de quem a ouve. Quando ela beija pousam sôbre a terra irisados farrapos de céu.

É admirada por tôda a escala de côres, a Maritereza: o moreno, o loiro, aquele que tem os cílios castanhos e até no coração dum preto que veiu da terra onde ela nasceu há imagens torturantes a sangrar.

Mas não ama ninguém, a Maritereza.

Passa a vida a rir.

—Gosta de mim? Mas que graça! Eu pensar em si? Que tolice!

E dos seus lábios recortados a cinzel, nunca sai uma palavra que diga *sim*, nem um *não* que seja sim também.

O coração de Maritereza ainda não falou.

É verdade que, às vezes, quando o sol tomba no mar diademado de topázios sangrentos ela deixa caír o livro que a prendeu e interroga ninguém em voz dolorida de ansiedade: «Mas será verdade que o amor existe? Serei eu uma insensível, uma mulher à-parte que nunca venha a saber o que vibra para além da indiferença?»

Depois, a sua alegria, o seu optimismo vencem a meditação e ela torna a ser a labareda que atrai e faz scismar.

QUASI

(Qualquer outra pessoa passava logo para o *durante*, não era? Mas eu adoro os quásis).

Ora ela conheceu-o e quási que se deixou prender. Ele era interessante, (palavra banal que não significa o que quere dizer e que afinal acaba por ser a mais fotográfica), esbelto, olhos negros (ou verdes ou azuis, conforme quiserem) boca que foi feita não só para beijar mas também para fumar e... e mais nada.

A Maritereza era inteligente, vivá, amando os duelos de palavras.

Provocava-o, entontecia-o, fazia-lhe preguntas e analizava as respostas.

Mas enervara-se. Ela queria mais. Sentia que êle era um homem muito amável (no sentido de ser possível amá-lo, assim como se diz comível ou tangível, não é?), que as outras o disputavam, que, enfim, mas...

E esteve quási a amá-lo.

—Diga, Maritereza, em que sortilégio me envolveu que me não posso arrancar de si?

—De mim?

—Sim, da graça do seu sorriso, do som da sua voz...

—Da côr dos seus olhos e da doçura das suas mãos, não é? Ó homem, pelo amor de Deus diga-me coisas novas, que me perturbem que criem no meu cérebro espirais de sonho, que...

—É muito romântica, Maritereza. Você lê tanto que nunca encontrará o ideal sonhado.

—Li, não lhe quero dizer onde, que o amor é um verso de Pierrot e um beijo de Arlequim... A você falta-lhe a poesia.

—Mas eu amo-a, Maritereza. Você é tôda a minha vida, creia.

A rapariga ouvia e semi-cerrava os olhos. Realmente aquelas palavras prendiam e nem ela podia já viver sem as ouvir. Era uma música deliciosa que a encantava. Não havia dúvida. Chegara o amor.

Mas como os romancistas mentem! Como pintam com maravilhosas côres de sonho (e porquê de sonho? qual é a côr do sonho?) a doçura de dois olhares que se encontram e estremecem e brilham e se humedecem e fogem!

Bem; mas como não havia nada para além daquilo, realmente encontrara o amor. Casaria com o... (um nome qualquer).

Assente êste ponto, a Maritereza não tornou mais a pensar no homem que quási amara e preparou-se para o baile que tinha naquela noite.

Fêz-se linda, iluminou a sala e

DURANTE

e estremeceu dos pés à cabeça quando Êle (o Êle com um E muito grande) a foi magnetisar para dançar o tango. (Que eu não sei se sabem que o tango é uma dança sobrenatural que se deve rezar em silêncio, vibrando com a música). A Maritereza, coitada sentiu apenas o domínio forte, quente e meigo do homem que lhe estava reservado na vida. (A tal metade da maçã, julgava ela, mas não era como se verá quando se saltar para fóra dos parentesis). Chamava-se Rolando (êstes nomes pomposos evitam descrições anatómicas, porque um Rolando ou é o protótipo do homem fatal ou mata-se).

A Maritereza esqueceu imediatamente o outro que julgava amar, esqueceu o baile, esqueceu a sua beleza, esqueceu o mundo para só ouvir a doçura com que êle, cingindo-a fortemente lhe dizia:

No Salão da Primavera, no Pôrto, estarão expostas as porcelanas eléctricas e uso doméstico da ELECTRO-CERÂMICA de Vila Nova de Gaia, a maior fábrica da Península

— Há mais de um ano que a amo, Maritereza. Todos os dias procuro vê-la e dia em que a não vejo representa para mim uma tragédia de sofrimento. Não imagina que alegria senti quando cheguei ao baile e ouvi a sua voz. Depois voltei-me a pouco e pouco e fiquei deslumbrado. Você está tão linda, tão linda!

A Maritereza já não sabia se realmente assim estava bonita e olhava para as outras a fim de ver se estariam melhor do que ela. (Quando se começa a amar, experimenta-se logo esta sensação de inferioridade: parece que o vestido de Fulana é mais lindo do que o meu... E a minha cara? Estará fatigada? Irá êle achar alguém melhor do que eu? É o princípio da abdicação).

A Maritereza dançou com outros rapazes mas êle achara meio de estar sempre junto dela, dançando com outra (manequim vivo para quem não eram nem as suas palavras, nem os seus gestos, nem os seus olhos).

E as horas passaram em veloz corrida de encantamento e a manhã chegou.

Quando se despediram, ao beijar-lhe demoradamente a mão, êle suplicou:

— Quando a verei?

— Não sei... não sei... telefone-me.

Ela não dormiu e tôda a noite se debateu contra uma insónia que tinha olhos de magia e voz de sedução. Repetiu cem vezes as palavras dêle, e relembrou-lhe os gestos, afundando-se na felicidade de recordar. Afinal era isto o amor: um doce bem querer, um esquecer-se de si própria para só nêle pensar, um desejar não sei quê, uma alegria infinita que dá vontade de chorar. (Vi agora dois dos meus leitores: um nunca soube o que isto era e está lendo a frio desejando chegar depressa ao fim, para ver como esta trapalhada acaba. O outro empalideceu, as narinas fremiram-lhe, pelos olhos passou-lhe um clarão de mágua e exclamou: Mas é assim mesmo, tudo isto eu senti quando comecei a amar a Maria!» O primeiro leitor pode fechar a *Ilustração* e ir-se embora. Quanto ao segundo, fique; é para si que escrevo).

Ora o Rolando telefonou (quem está aí a preguntar pelo Outro? Foi apenas um pretexto para o quási, um preparador de terreno, um precursor do amor. Acabada a sua missão desapareceu).

Como eu ia dizendo, o Rolando telefonou, ela respondeu, êle disse-lhe mais coisas e ela sucumbiu. (Sim, senhor, exactamente como nos romances antigos, mas com uma pequenina diferença: a heroina não morre no final).

DEPOIS

— Rolando, não venhas tarde esta noite não, meu amor?

— Já ontem me pediste o mesmo. Prometes continuar ámanhã?

O corpo de Maritereza torceu-se em labareda de mágua. Ia chorar mas como êle detestava as lágrimas (e como lhe podiam estragar a pintura, desfeando-a) abriu muito os olhos e dominou-se.

Acontecia aquilo tôdas as noites. Quando as onze horas se soltavam do relógio, soltava-se êle do ambiente delicado e terno que ela lhe preparava e fugia para a noite, para os amigos, sabe-se lá para onde. (Calcula-se, mas não se diz).

E uma noite, bateu à porta o (como se chamará êle, o precursor, aquele que ela quási amou?) e ela recebeu-o na sua saleta lilás que enormes *abat-jours* roxos poetisavam de ansiedade.

— É feliz, Maritereza?

— Sou.

— Dê-me a sua mão. Você é tão infeliz, minha querida!

A Maritereza achou que era ser um bocadinho infiel ao Rolando dar a sua mão ao precursor. Mas (mas não, por isso mesmo) deu-a.

E começaram a conversar.

O relógio, admirado, ia dar duas horas quando a Maritereza exclamou:

— Ah, mas já é tão tarde, Manuel (se já lhe sabe o nome é porque já deixou de não gostar dêle). O Rolando deve estar a chegar, e é pena. Conversámos tanto esta noite, você soube dizer-me coisas tão interessantes, que me consolaram um bocadinho, sabe? O Rolando deixa-me muito só e o homem nunca deve abandonar a mulher que lhe quere; se vai para outras, não é natural que ela pense que tem direito a ser amada, que não é escrava e que é linda?

— A mulher bonita tem todos os direitos, Maritereza.

— Não diga isso, Manuel. E esqueça a loucura das palavras que proferi agora. Foram estas horas de conversa que me entontecera. Você disse-me tanto galanteio e o Rolando já nem sequer me diz que sou bonita... Você falou nos tempos passados e o Rolando nunca recorda o baile em que pela primeira vez nos vimos! Você foi terno, carinhoso, interessou-se pelas minhas leituras e caprichos... O Rolando só pensa nele, nos seus negócios, nas suas preocupações...

— Deixa-me voltar ámanhã, Maritereza?

— Não, Manuel, não volte. Nunca mais. Eu amo o Rolando, quero-lhe com todo o meu amor que é grande e forte e eterno. (Aqui a Maritereza vincou muito o *eterno* para a si própria se convencer. Se a palavra *sempre* é tão pequenina!). Quero-lhe tanto a êle que falar consigo é quási uma deslealdade. Nunca mais volte, Manuel, peço-lhe.

— Maritereza, então até ámanhã?

— Pois sim, Manuel, até ámanhã...

No Salão da Primavera, no Pôrto, estarão expostas as maravilhas mecânicas e acústicas que são os super-gramofones POLYDOR, de fabrico alemão, da Galeria de Novidades — Pôrto

A fauna recente

POR WENCESLAO FERNANDEZ FLOREZ

ILUSTRAÇÕES DE STVART

O genial humorista galego Wenceslao Fernandez Florez, um dos mais cotados valores literários da visinha Espanha, conta os seus êxitos pelas publicações das suas obras.

Amigo sincero e devotado de Portugal, o singular temperamento artístico, que hoje honra as nossas páginas mais uma vez, compraz-se em nos brindar, periòdicamente, com as maravilhas do seu engenho. Iniciamos, neste número, a publicação do seu último grande sucesso novelesco, um racconto *desconcertante e magnífico que, decerto, vai entusiasmar os nossos leitores.*

I

O primeiro daqueles estranhos sintomas foi registado a 7 de Agôsto às cinco e meia da tarde. Mabel Ferting entrara a tomar chá na pastelaria «A Nova Mongolia» e deixou encostado ao passeio o seu lindo «Bekkers», último modêlo, de dez cavalos, deliciosamente pintado côr de truta, então tanto em voga. Cinco ou seis pessoas que passavam perto do carro e a dona duma loja de frutas, que estava a falar com a dispenseira do magistrado Simpson, afirmaru que o camião número 6 da Companhia Metalúrgica do Oeste, ao enfiar pela rua traçou uma curva excessivamente aberta e avançou contra o pequeno «Bekkers». Ainda que um «chauffeur» fôsse naquele momento ao volante, não poderia fazer nada eficaz para evitar o choque, e era iminente a destruição do elegante automovel quando, sem que ninguém soubesse explicar como, o «Bekkers» recuou alguns metros, indo-se meter no passeio. O camião, então, passou sem lhe tocar.

A menina Mabel não deu o menor crédito a esta notícia nem a menor importância a um incidente que não deixara a mínima arranhadela no seu belo carro. Quando saíu da «Nova Mongólia» acompanhava-a o jóvem campeão de «tennis» G. W. Croys, e ela parecia bastante feliz para não se preocupar com semelhante ninharia, da qual só se tornou a lembrar dali a alguns dias, quando as circunstâncias lhe deram certo vulto.

O segundo indício, igualmente inexplicável, surgiu uma semana depois. Corria o «Peengre», 40 cavalos, de Mr. Kock, a uns cincoenta quilómetros da cidade quando um homem apareceu na estrada, saíndo distraidamente dum caminho que nela desembocava. O atropêlo parecia inevitável; mas a sirene do «Peengre» soou, imperativa e brusca, e o homem, sobressaltado, correu para a valeta.

— Foi o senhor quem o avisou, Mr. Kock? — preguntou o «chauffeur» negro ao seu patrão, que ia sentado à sua esquerda.

— Eu, não, John — respondeu o distinto cavalheiro.

— Pois eu posso-lhe jurar que também não carreguei no botão da sirene.

Mr. Kock encolheu os ombros com aquela elegância que punha em todos os seus outros actos. E não se tornou a falar de semelhante pormenor até que, passados dias, se revelou a importância do caso.

E foi assim:

A 30 do mesmo mês inaugurou-se nas amplas naves do «Automovel-House» a exposição dos novos modelos da fábrica Hoppe que se lançara à magna empresa de modificar todos os seus tipos, célebres nas cinco partes do mundo. Os engenheiros da fábrica tinham estudado e ensaiado as modificações durante um lustro, e nem um só pormenor pôde chegar ao público nem aos restantes construtores. A enorme extensão ocupada pelas oficinas, a vinte quilómetros da capital era — desde que começou a realização dos projectos — inacessível a qualquer visitante, fôsse qual fôsse o pretexto que alegasse. Vedou-se a saída da fábrica aos operários que faziam a montagem dos carros. Uma publicidade que superava quantas até então se havia realizado, anunciou em todo o orbe o aparecimento dos seis novos tipos de Hoppes. Páginas completas nos mais populares diários, anúncios de fogo sôbre as fachadas dos edifícios, nas grandes cidades do continente; projecções sôbre as nuvens, milhares e milhares de impressos arojados por aeroplanos, inscrições traçadas com óleo de várias côres sôbre o mar das baías e a superfície dos lagos da Europa e América... Esperava-se — a-pesar da crescente insensibilidade do público para as propagandas comerciais — que a casa Hoppe oferecesse qualquer coisa de extraordinário, porque o seu crédito era o que melhor se cotava dentro da indústria universal; mas não se sabia em que podiam consistir os aperfeiçoamentos, porque a perfeição do automovel chegara a um ponto que tôda a gente julgava definitivo. Os antigos motores de explosão os velhos sistemas de travões, o arcáico processo de refrigeração, aquele complicado suplício das câmaras de ar que estalavam ou se esvasiavam tão frequêntemente e das capas que era mister renovar, tinham desaparecido há mais de cincoenta anos e os mecânicos eruditos, que sabiam como eram os automóveis no primeiro terço do século XX, não podiam compreender a paciência dos homens de então, verdadeiros escravos duns carros imperfeitos, de misérrima durabilidade, que se desarranjavam várias vezes por mês e passavam mais tempo na oficina de reparações do que rodando. O automobilista daquela época não passava para êles de ser um desgraçado senhor, que gastava a melhor parte da sua vida deitado na estrada debaixo dum primitivo artefacto, procedendo a pesquisas nas suas entranhas ferrugentas. A meio da Grande Avenida levantava-se um monumento, inaugurado em 2207, que aspirava a premiar o sacrifício dos precursores.

Sôbre o largo pedestal via-se a marmorea efígie dum homem vestido à feia usança de 1920, em mangas de camisa, na atitude de fazer mover um embolo duma bomba de ar com a qual simulava encher um pneumático. Um suor de agonia colava-lhe o cabelo à testa e às fontes, e um gesto de amargura e de cansaço deformava-lhe o rosto. A inscrição dizia: «Às numerosas e desgraçadas vítimas dos alvores do automobilismo. A Humanidade agradecida.»

O automovel já era um aparelho verdadeiramente útil. O motor não tinha a menor semelhança com os motores de gazolina nem com os eléctricos. O depósito de *dinamic* (a substância descoberta pelo famoso Thompson a princípio do século XXI) ocupava apenas um decímetro cúbico, e uma vez cheio podia-se percorrer uns dez mil quilómetros num carro de seis cavalos, sem reposição da maravilhosa matéria. A perfeição obtida era tal que bem podia dizer-se que naqueles organismos metálicos nada faltava e nada sobrava. Eram um verdadeiro prodígio da me-

No Salão da Primavera, no Pôrto, estarão representados os VINHOS BORGES, porque os "vinhos Borges são vinhos"

Na estrada, faixa negra entre o verde da paisagem, os carros formavam uma coluna cerrada que se afastava da cidade...

cânica, que no fim de 2000 atingiu um desenvolvimento que teria assombrado os mais optimistas vaticinadores do futuro naqueles tempos em que Júlio Verne e Wells, entre outros muitos, gostavam de perder o seu tempo nas hipóteses do futuro.

* * *

Uma multidão espessa e ávida invadiu o imenso local do «Automovel-House» no primeiro dia da exposição. Contemplado desde as grandes galerias, o pavimento parecia coberto com um tapete escuro, tal era a contiguidade das pessoas e a densidade da massa de visitantes. Cada carro estava na sua plataforma como num ilhote, e os cordões de seda que os rodeavam para evitar os toques dos curiosos, cediam ao impulso do gentio. O metal niquelado e novo, polido e suave, brilhava agradàvelmente; o verniz, virgem de qualquer mancha ou arranhadela, assumia aos olhos o valor da seda ou do veludo. Nas lentes esmeriladas das lanternas, retratavam-se, movediços e diminutos, os mirones, como nas pupilas quietas e fascinadoras dum monstro. A variedade de modelos percorria triunfante tôda a escala, desde o enorme camião até ao carro unipessoal, alongado e breve como uma flecha, com rodas distanciadas por grandes eixos, dotado duma vaga similitude com as moscas de água.

No alto da terceira galeria, o secretário geral do movimento e mr. Hoppe, rodeados dum numeroso grupo de personalidades oficiais e de engenheiros, convidados à inauguração, presenciavam a lenta maré daquele mar humano. O barbeado rosto de mr. Hoppe — testa larga e rugosa, enérgico queixo, um profundo sulco em forma de vírgula ao lado das faces, túpida cabeleira de estanho, pálpebras escurecidas por uma doença hepática — tinha um festo de satisfação e orgulho. Milhares de olhos erguiam-se para êle e o seu nome corria freqüentemente como um murmúrio mais forte sôbre o inquieto charco da multidão.

— Aquele é o Hoppe!... Ali está o Hoppe!...

Joe Wilp, o jóvem perito mecânico acabava de pôr-se ao volante dum carro de luxo para fazer uma demonstração do motor silencioso.

Tocou com rapidez em alguns botões invisíveis; o carro tremeu levemente e os curiosos que se aglomeravam contidos pelos cordões de seda apenas puderam ouvir um zumbido. Mas seguidamente, ressoando sob a ampla abóbada de ferro e vidro, a buzina do carro lançou um prolongado rugido. Avisados por esta chamada, empilharam-se novos curiosos. Wilp tocou no botão da corneta e esta não se calou. Lá no alto, mr. Hoppe franziu as sobrancelhas grisalhas e ordenou:

— Digam a êsse importuno que não volte a tocar num carro.

Naquele momento, um camião largo e potente, deixou ouvir também um uivo rouco, e um segundo depois os claxons e as sirenes de todos os automóveis espargiam no ambiente um horrissono concerto. A gente ria-se; algumas pequenas tapavam os ouvidos, com um biquinho delicioso, afectando sofrer mais do que o que as fôrças lhes permitiam. Não se via nenhum empregado nos sonoros veículos, e muitas pessoas comentavam, ao reparar no caso:

— Trata-se duma surpreza preparada por mr. Hoppe.

Mas o certo é que bastava ver-se a expressão do famoso engenheiro, o seu elevado tronco inclinado para contemplar o salão, as suas mãos raivosamente crispadas sôbre o peitoril e a ânsia colérica com que o seu olhar percorria uma a uma as plataformas dos carros, para se compreender que aquela algazarra não era do seu agrado. Quando lhe passou um tanto a indignação voltou a cara para mr. Harrison, seu valioso auxiliar, que estendia o pescoço por cima do ombro do seu chefe, e preguntou-lhe:

— Que diabo de brincadeira é esta?

— Não compreendo... — balbuciou o interrogado.

De repente, levantou-se um multiplo grito como a coluna pavorosa duma explosão. O tractor *Titanic*, potente e achatado, vagamente parecido com um cefalópodo, ou com uma extranha e gigantesca besta cinzenta que ainda pudesse viver com o abdomem retalhado, deslizou, rodando, para o extremo da tarimba, rompeu o cordão de seda e avançou contra a multidão. Os quatro fortes camiões cobertos começaram também a rolar e dois segundos depois todos os veículos andavam sôbre o pavimento de mosáico, inclinando-se levemente ao vencer os obstáculos que lhe opunham os corpos caídos na sua frente. A multidão, ameaçada por todos os lados, empurrava-se em vaivens desencontrados; gritavam agora com angústia os que antes se riam, vendo-se em risco de asfixia no meio daquelas pressões opostas, gemiam os que sentiam sôbre si o pêso das rodas, ou, simplesmente, a iminência do perigo; com violentos empurrões, cada qual tratava de encontrar a sua própria salvação; chamavam-se, vociferando, os que se viam separados pelos outros; dirigiam-se increpações aos autores daquela selvagem imprudência; a confusão e o martírio dos milhares de seres encerados no vasto salão chegaram a ser aterradores. Os claxons e as cornetas aumentavam o terrível tumulto. Na explanada que se abria diante do ciclópico edifício do «Automovel-House» a multidão corria para os grandes pontos para ver o que sucedia no interior, e os «chauffeurs» que esperavam os patrões punham-se nos estribos em bicos de pés para verem melhor. Apertando-se, caíndo, amarfanhando-se o público safa em torrentes. Os fugitivos chocavam contra os que acudiam, e, sempre correndo, iam amparar-se entre as filas de automoveis. Os contusos, que o medo tornara insensíveis à dôr até então, lamentavam-se com grandes ais e muitos dêles deixavam-se levar de roldão para as casas de socorro. Das enormes portas fluiam incessantemente inúmeros seres, que saíam em compacto jorro, estendendo-se pela esplanada como uma grande massa escura. Rompendo como um ariete pelo denso grupo, ou exprimindo-nos com mais exacta imagem, sobresaindo do caudal humano, apareceu o primeiro Hoppe, apavorado e gritando, como arrastado por uma levada. Perfurou, esmagou, fendeu a massa viva e seguiu numa velocidade frenética sem que o seu claxon deixasse de berrar com irritada aspereza, que se asemelhava muito aos ladridos dum cão furioso. Segundos depois, surgiu a mole dum camião, rebatendo violentamente corpos humanos, que redemoinhavam como as águas redemoinham em espuma na proa dos barcos. Saíu e voou detrás do primeiro carro... Depois outro e outro... Todos os espectadores desta extraordinária scena puderam advertir que nenhum dos carros levava «chauffeur», que todos êles pareciam proceder automàticamente, como se tivessem sido postos em andamento e abandonados à sua própria sorte; mas a habilidade com que esquivavam os obstáculos e o tino com que seguiam o caminho tornavam tal hipótese absurda.

Porém, o estupor e o pânico do público chegou ao auge quando quási todos os automóveis que os visitantes da Exposição tinham deixado nos arredores do edifício, se lançaram tumultuosamente na perseguição dos «Hoppes».

Os «chauffeurs», que o assombro imobilizava, tentavam depois dar-lhes alcance até que a reflexão os convencia da inutilidade de tal esfôrço. Quanto aos que se encontra-

No Salão da Primavera, no Pôrto, será expositora a grande casa de semfilismo RÁDIO-PÔRTO, uma das mais importantes da península

vam nos «baquets» quando se deu a fuga, procuravam em vão deter os seus próprios veículos, lançando-se depois ao chão transtornados por aquele inexplicável fenómeno. Na explanada só ficaram alguns carros antigos e seis ou sete de marcas inferiores. Os restantes desapareceram ao fundo, na volta que formava a avenida.

E quando o último se sumiu, sob o elevado arco de ferro da entrada do «Automovel-House», destacou-se a figura de mr. Hoppe, com a iracunda testa descoberta, os punhos cerrados, olhando para todos os lados a fim de descobrir o paradoiro dos carros fugidos de tão estranho modo. Ouviu-se então gritar:

— Eles ali vão! Ali vão todos!

Na estrada, faixa negra entre o verde da paisagem, os carros formavam uma coluna cerrada, que se afastava da cidade. Eram como um só corpo alongado e movediço, que enchia o caminho de valeta a valeta. Passavam, passavam... Talvez dez, talvez vinte mil...

Sem poder desviar os olhos daquele remoto desfile, mr. Hoppe murmurou:

— Harrison, você compreende alguma coisa disto?

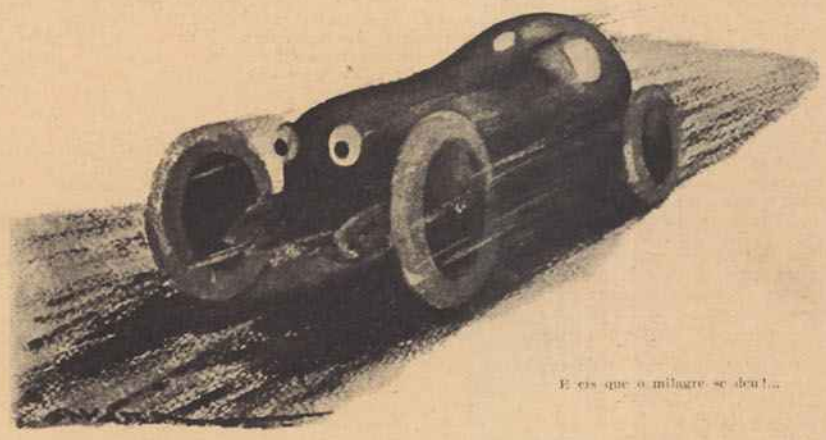
E o obeso Harrison, afagando com os dedos trémulos a luzidia calva, pôde encontrar fôrça suficiente para balbuciar:

— Não sei... É um pesadêlo... Eu já tive um pesadêlo assim...

II

Quando o respeitável Mac Gregor começou a agitar a campainha presidencial, daí a dez minutos apaziguou-se o tumulto. O salão de sessões do Consistório, cedido para aquela reünião extraordinária, estava cheio de homens dominados por uma excitação que dificilmente se poderia conter e que estalava, assustadoramente, ao menor pretexto. Estavam ali congregadas as inteligências mais destacadas da localidade. Se naquele momento aluisse o tecto do edifício, a nação ver-se hia obrigada a chorar a morte dos seus melhores matemáticos, dos seus melhores biólogos, dos seus mais sábios inventores, dos seus estadistas mais conscienciosos. Não se tinha franqueado a entrada ao público, que formava na rua grupos numerosos, nem mesmo à imprensa, cujos representantes permutavam conjecturas nos corredores, distanciados das portas, que davam acesso ao salão, por porteiros incorruptíveis. O simples facto de se ter descoberto um jornalista, acocorado diante da ampla mesa dos Conselheiros, foi o que deu lugar ao chinfrim que Mac Gregor conseguiu cortar à fôrça de badalada. Nancy Chaney a professora de Mecânica do Instituto Nacional de Sciências, defendera a conveniência de que as discussões fôssem públicas, e o velho Acker, a mais alta autoridade em química orgânica, objectou que não se tratava de uma reünião política, mas do agrupamento de alguns homens de estudo que iam procurar a decifração dum acontecimento até então misterioso. Esta fútil questão foi suficiente para que a tensão nervosa de todos os presentes se exteriorizasse em gritos, protestos e murros nas carteiras. Logo que o respeitável Mac Gregor conseguiu fazer-se ouvir recomendou a todos a calma precisa para que cada qual pudesse aplicar tôda a sua inteligência na reflexão do fenómeno que os tinha ali juntado; fêz observar que o govêrno, o país e todo o mundo estavam pendentes do que ali se decidisse e rogou que se ouvisse em silêncio o insigne Cooper.

O insigne Cooper, que vira o seu discurso truncado pela caça e expulsão do jornalista indiscreto, permanecera durante a gritaria com os braços cruzados e um gesto de resignação e desgôsto no espaçoso semblante salpicado daqueles pontinhos de oiro que eram as suas sardas. Quando se pôde recuperar a tranquilidade tornou à sua parlenga.



E eis que o milagre se deu!...

Fizera, em primeiro lugar, uma descrição do aperfeiçoamento alcançado pela indústria automobilística, enumerando as maravilhas da mecânica na construção dos carros. Agora continuava:

— Que faltava a êsses prodigiosos aparelhos? Scientificamente, nós, os homens de hoje, não previamos sequer uma possibilidade de se superar o que já está feito. Eram organismos de aço tão conscienciosamente construídos que não lhes faltava senão a capacidade de se poderem reger por si próprios para atingirem a suma perfeição. E eis que o milagre se deu. Como? Falando francamente, não compartilho do delirante assombro do vulgo. As origens da vida continuam sendo um segrêdo para nós; mas, por minha parte, não me nego a aceitar a explicação de que numa máquina perfeita possam apresentar-se inopinadamente fenómenos facilmente confundíveis como os da própria vida. Tudo ficará reduzido a crer-se que tinhamos conseguido êsse incalculável êxito sem que a isso nos propuzessemos ou soubessemos, sequer, o resultado que se obtinha. Criámos um ser vivo por intermédio da mecânica, depois de termos inutilmente tentado a sua origem por intermédio da química.

O velho Acker:

— Não, não! A vida não passa duma série de reacções químicas!

O ilustre Cooper:

— Seria para mim motivo de profunda satisfação que o meu sábio e respeitável amigo nos oferecesse uma solução mais exacta e compreensível do que a minha. Cedo-lhe a palavra imediatamente e com todo o prazer, se nos assegura que em verdade possui a chave. Entretanto, peço-lhe me permita que continue com o desenvolvimento da minha hipótese, que é a que conta com maior número de partidários. A realidade é que os nossos automóveis rodaram sem que ninguém os guiasse, sem terem sido postos em movimento pela mão do homem. E é suficientemente significativa a circunstância de que os tipos atrasados, de construção deficiente, continuem submissos no seu posto e nas suas garages. Podemos lobrigar por êste indício a possibilidade de que a perfeição mecânica a que antes me referia haja determinado...

O reverendo Kety, levantando-se, vermelho e estendendo os braços para o orador:

— Foi o diabo, foi o diabo!

Mac Gregor:

— Ordem! Ordem!

O reverendo Kety:

— É o castigo à soberba, ao ludíbrio da nossa desmedida ambição, a gargalhada com que Satanás responde às nossas ânsias de luxo! Eu préguei sempre contra as corrupções do luxo! Voltemos a caminhar sôbre os nossos próprios pés e façamos penitência!

Algumas vozes:

— Tem razão!

O secretário da Câmara Industrial:

— Eu já vi o reverendo Kety de bicicleta!

Cooper gritou, mal-humorado:

— Parece-me que não estamos aqui para discutir àcêrca de Satanás.

Novo tumulto. Dez ou quinze pessoas afirmam, com tôdas as suas fôrças, e quarenta ou cinqüenta negam a plenos pulmões. Os restantes exteriorizam o seu desagrado batendo com os pés no chão. O reverendo Kéty, congestionado, pede que se submeta o assunto a votação nominal. Mac Gregor agita a campainha com duplicada furia e com uma habilidade de que se deduz a experiência adquirida. Esgotada a calma, Cooper senta-se, fazendo gestos que exprimem eloquentemente o seu desdem por tôda a concorrência. A pouco e pouco Kéty consegue impor a sua voz forte, habituada a dominar do alto do púlpito, e fulmina uma ardente catilinária contra o progresso.

— Por êste caminho, aonde vão os homens parar? — pregunta — Não vêem claramente a diabólica colaboração que existe nos seus inventos? Um sopro infernál anima agora os automóveis. Pretendeu-se com êles corrigir a obra do Creador, que fêz bondosamente o cavalo, e isto é duma intolerável soberba. Com o automóvel tentou-se arteiramente deixar o cavalo numa situação ridícula; e ofendia-se assim a divindade. Era uma tentativa ainda mais vaidosa que a da tôrre de Babel, que tão duro castigo mereceu. Satanás, triunfante, ludibriara os homens, levando os carros depois de ter bem seguras as almas dos seus fabricantes e possuidores...

(Continua).

No Salão da Primavera, no Pôrto, estarão os CHAMPAGNES PIPER-HEIDSIECK — (Reims), os GRANDES LICORES ROCHER FRÈRES e COGNAC REMY MARTIN & C.ª, representados por João Alves de Matos — Rua dos Fanqueiros, 277 — Lisboa

ANTONIO CORREIA DE OLIVEIRA

SIGNIFICADO E VALOR LITERARIO E NACIONAL DOS SEUS ULTIMOS POEMAS: "AUTO DAS QUATRO ESTAÇÕES,, E "TERESINHA,,

No começo da Primavera do ano findo, dava-nos António Correia de Oliveira, em lição definitiva, o seu *Auto das quatro estações*, um dos poemas com que, há desanove anos, entrara, por direito de Artista (e dou a esta palavra o significado de que a revestiu Benedetto Croce), no grémio dos raros grandes poetas da nossa terra.

Quem lera, porém, o *Auto* publicado em 1910, não pode dizer que conhece o *Auto* refundido em 1927 e, no ano seguinte, lançado para a... eternidade.

Explica-se.

António Correia de Oliveira é hoje, como ontem, um Artista, — um intuitivo, portanto. Mas a sua intuição, maravilhosamente alverçada numa inexcedível sinceridade e aguçada intelectualmente por longas meditações, em desoito largos anos, muitos dos quais no seu adorável refúgio de Belinho, não é hoje a mesma que era, por 1910, em Lisboa.

Por êste motivo, o *Auto das quatro estações* encerra, com poucos poemas modernos, a par do seu mérito intrinseco de *obra de arte*, um grandíssimo valor como insofismável documento da evolução, — metafisicamente profunda, — do alto espírito que o concebeu e realizou nas duas modalidades, dúzia e meia de anos distanciados entre si. E é por isso que a segunda edição do *Auto* tem de ser considerada uma das últimas produções de Correia de Oliveira, direi melhor talvez: a primeira das suas últimas produções, dentro do seu género favorito, de que *O verbo ser e o verbo amar* nos não fornece exemplo.

O *Auto*, no que resulta de uma introspecção de António Correia de Oliveira, põe à sensibilidade de todos nós um grave problema: o da coerência da vida íntima com a vida relacional, na tricromia da Mulher que se ama, dos Filhos que geramos, da Sociedade em que vivemos e influimos com o nosso trabalho, o nosso exemplo e os nossos ideais; a par dêste, outro problema, mais vasto, mais alto, quási absorvente, domina o *Auto*: o do ressurgimento da Nacionalidade.

Quer numa, quer noutra das edições dêste livro, o intuicionismo do Poeta elabora a sua obra sôbre ideias que, sentimentalizadas, a sua arte delicada suavemente nos instila até a alma se nos entorpecer de bondade e de radiosas aspirações idealistas que, de olhos cerrados, deliciosamente se ficam ruminando, sob a morna luz dum vagaroso crepúsculo de Março.

Rim ambas as edições, a figura, fundamentalmente lírica, de João, no seu sonho de bondades líbricas, perturbado pelo «Som, sublime e horrendo Pensamento», que se lhe afunda em mórbidas considerações de genealogias adversas, na sangüista portuguesas de que é filho, dado, não á luz, mas às trevas da noite e da invertezas e na dolorida visão da amosa Pátria que andam a arratacar; a transfiguração dessa alma de romântico, perfilho pelo mundo em pleno século XX, cujos cerraceiros de dúvidas, hesitações e escrúpulos um mágico beijo de Maria, — de olhos dôces e amor profundo, lhe varre da mente para todo o sempre, deixando-lhe, em troca e «sentim'to» — aquela tranquilidade de alma que alenta os grandes feitos da vida humana; a épica e simbólica personagem de Manuel, fruto da aliança do «Filho do Escravo» com a «Filha do Senhor», que é como quem diz — a Mentalidade nova que, no cadinho do Amor, essa aliança gerou, tudo isto e muito mais são das mais perfeitas e sôbrias criações que, na moderna literatura portuguesa, um temperamento de Artista conseguiu vincar em verso e em versos estruturalmente cristalinos.

O movimento, o ritmo, a graça dêste *Auto* são, não iguais, mas igualmente delicados e de primorosa execução, tanto no de 1910 como no de 1927, com algumas excepções a favor dêste.

Também, num e noutro, a solução do primeiro problema que preocupa a consciência de João lhe é fornecida pelo Amor, o amor da Mulher eleita, êsse amor que, afinal, se vem a confundir com o seu amor à Terra, à Natureza, para êle unicamente espelhos onde vê a sua Maria, seu água, em luz, em flors, e com o seu amor ao Filho, as vida inteiras que êle não merecera e que só apor elas conseguiu.

Mas, resolvido êsse inquietante problema da sua vida, tem que sentido se lhe orientam a mentalidade e a actividade febril que o impele para a Terra? ¿que filho gera o seu exemplo no Portugal de ámanhã? e que Portugal sairá da inteligência, do coração e da vida tôda dêsse Filho?

Ris o que já é muito diverso no *Auto* de 1910 e na sua «lição» definitiva de 1927.

E é isto o que, na realidade, interessa; porque, se a solução do problema da vida de João é boa, se o próprio problema, em si, é um grande caso de consciência, — nem um nem a outra são únicos: há outros aspectos, igualmente agudos dêsse problema, como, para êste, poderemos encontrar outras soluções, com ou sem Amor, e, no entanto, boas.

Com qualquer delas, porém, o problema da Nacionalidade permanece o mesmo, não sendo, aliás, indiferente que o resolva a mentalidade do João de 1910 ou a do que enche todo o *Auto* de 1927.

A evolução do espírito e da *arte* de António Correia de Oliveira, é-nos, portanto, expressa pelas mentalidades diversas da personagem central do *Auto*, mas é mostra das suas edições, — continuamos-se a do João de 1927, mais fortemente vincada, no Luís, de *Teresinha*, que, aliás, ficará na literatura portuguesa com significado e valor diversos dos daquele poema, de inspiração mais lírica e, por vezes, épica.

Mas ¿como se justifica o falar-se, — a propósito de poemas, — de problemas psicológicos e nacionais? ¿Não é a Arte coisa inteiramente diversa da Psicologia, da Filosofia e da Política? Ou ¿não são Arte os livros de António Correia de Oliveira?

Cada uma destas preguntas exige uma resposta concreta, que não quero omitir, mas que resumo quanto possível:

Se, de facto, aqueles problemas inspiram e animam os sonoros versos do Poeta, é evidente que não posso alhear-me dêles, ao falar da sua obra. E, se é certo que a Arte se não confunde com a Filosofia e a Política, Arte sem cultura, Arte sem finalidade, Arte pela Arte são já ideias e processos demasiado infantis para merecerem um minuto de atenção, na hora em que vivemos. O que convém, o que é indispensável saber-se, numa obra de Artista, é até onde essa cultura chega, de que processos usou o Poeta para dela e de si extrair uma obra de Arte e que espécie de adesão solicita do nosso espírito e da nossa actividade, quando lha podemos dar.

Ora, se os intuitos de António Correia de Oliveira são principalmente artísticos, o certo é que a Beleza por êle idealizada para a Vida não se pode atingir sem um geral consenso da colectividade a que se dirige, e é, precisamente, por isso que se torna indispensável apreciar, na sua obra, o valor real (literário, por um lado, nacional, por outro), das suas personagens, do ambiente em que as faz viver, da lógica com o diálogo com que realiza, nos seus versos, a Vida plena de Beleza, da Beleza que êle idealizou.

Ris o que o *Auto* à maravilha nos documenta, marcando a trajectória da evolução do Poeta, desde que, pela primeira vez, concebeu aquele Poema até que, ultimamente, o refundiu.

É já trivial dizer-se que a primeira forma do *Auto* revela a orientação panteísta do Correia de Oliveira, de 1910. É trivial, mas não é perfeitamente exacto. Pretendiu, efectivamente, ser panteísta essa forma do poema, aliás cheio da unção, então como hoje, de traduzir aspirações humanas, portuguesas, nacionais, mas por essa mesma forma desumanizado e, sobretudo, desnacionalizado, a ponto de, contra tôdas as tendências da alma popular portuguesa, o Poeta julgar natural pôr na bôca de *Caminhantes* estrofes desta cantiga:

A Terra gerou os homens;
A Terra Deus a gerou:
Se a Terra é Deus e eu sou Terra,
— Homem, Deus e Terra sou.

(*Auto*, 1.ª edição, pág. 24).

Demasiado erudita, para cantiga popular, esta quadra é excessivamente simplista como argumento comprovativo do Panteísmo do Poeta. E, todavia, de todos os versos do *Auto*, na sua primeira edição, êstes quatro são os que mais nitidamente revelam essa tendência (a que me não atrevo a chamar filosofia).

Tôdas as aspirações do João, do Poema de 1910, são, ao contrário do que aquela quadra exprime, profundamente cristãs, na essência e, bastas vezes, na forma. Mas João, que vive num século, herdeiro de mil e novecentos anos de cristianismo, não o suspeita. Por isso foi que, quando lê o primeiro *Auto*, me aflorou aos lábios um ligeiro sorriso, resumo de tôda a minha crítica de então, aliás traduzível por esta meia dúzia de palavras: «eis aqui um Poeta que, julgando-se panteísta, é cristão, — e não sabe que o é».

Fàcilmente se nota a justeza dêste juízo, vendo-se, ao mesmo tempo, quanto aquela tendência turvava a limpidez das ideias do Poeta, se se lerem alguns dos melhores tercetos da primeira edição, os tercetos que resumem as suas mais nobres e generosas aspirações:

«É preciso amar,
Em nós, os outros; e nos outros, Deus:
Sermos fontes, corrermos para o Mar...

É de todos a Terra, é nossa Mãe:
Amando-a, pelo amor que lhe tiveres,
Não a faças madrasta de ninguém.

Procura em ti a luz que em ti se esconde:
Se chamares a Deus, — na tua voz,
Há de ouvir uma Voz que te responde...

Não olhes para ti; mar só, disperso
Na unidade do quanto te rodeia;
O universo a viver para o Universo.

Ama a Vida, da estrêla ao grão de areia.
Faz da Bondade a tua religião.
Recebe, como própria, a dôr alheia.

Isto basta para nada nos surpreender a evolução de Correia de Oliveira para a mentalidade que o seu *Auto* de 1927 nos revela.

De facto, esta mentalidade tem como substratum o seu antigo tradicionalismo, que se alarga, do simples regresso à Terra, em que o Poeta encontrara, por 1910, a solução *principal* do problema da nacionalidade:

«Os homens finalmente compreenderam
Que só a Terra é Mãe; e ao seu regaço
Em lágrimas contritas se acolheram.
E os homens se tornaram lavradores.»

(*Auto*, 1.ª ed., pág. 102).

até um amplo cristianismo resgatador, chamando aos transviagass, depois de ter fulminado «Babilónia e Cidades, a Tágide fatal», para lhe ensinar nas breves sentenças de quadras desmedidas ou nas, mais estilizadas, dos belos sonetos finais da segunda edição, tradunindo-se tudo, aliás, com simples naturalidade, nas rimas populares, que as resumem, prontas a serem assimiladas pelo vulgo, a passarem da alma do Poeta para a do seu «Povo Português». E a síntese das suas aspirações já não está em que «os homens finalmente compreenderam que a Terra é Mãe», mas sim em afirmar que:

«E Aurora
Há dois mil anos que surgiu; agora
Foram as trevas compreendendo a luz»,

ou, popularmente, que:

«E do velho Padre-Nosso
Que lia-de vir o sonho-nosso.»

(*Auto*, 2.ª ed., pág. 170).

* * *

Vêse: o *Auto* de 1927 não é o *Auto* de 1910. ¿Que perdeu? ¿que ganhou êle com a refundição? ¿que perdemos ou ganhamos nós com esta sua nova modalidade?

Fácil me parece responder.

O *Auto* já não é hoje, *primacialmente*, o cântico em louvor da Terra, como, no seu primitivo plano, havia sido. E foi êsse aspecto, sugerido talvez pelo «A cidade e as serras», de Eça de Queiroz, em 1900, que êle perdeu e, com êle, a sua principal finalidade de então.

Se, ainda, um dos remédios das chagas nacionais consiste em que

«...do Passado ao Futuro
Haja só estas mudanças:
Traze ou arca, em vez de barca,
Enxadas, em vez de lanças».

(*Auto*, 2.ª ed., pág. 160).

o principal, agora, não é êsse, nem o Filho de João, o viril Manuel, se espraia tão longamente em decantar-lhe as virtudes, em apontá-lo ao seu «povo». No que êle, hoje, mais insiste é em ensinar-se o que Jesus ensinou, persuadido de que

«Tornou-se «ir para diante»
O que era «andar para trás».

(*Auto*, 1.ª ed., pág. 166).

e julgando responsáveis do descalabro nacional

«Quantos, — nas Letras-artes e artistas
Da livre e errónea ideia, — alguma vez
A confusão das ondas...
Iam levando o rio português...»

(*Auto*, 1.ª ed., pág. 166).

«...os que, sem terem Fé,
Turbaram a dos mais...»

(*Auto*, 1.ª ed., pág. 171).

Converteu-se, assim, o *Auto*, de panegírico da Terra, que era, no louvor do «reino de Jesus que

«De Pátria a Pátria se restaura e adoura».

(*Auto*, 1.ª ed., pág. 170).

O *Auto*, portanto, alargou-se, universalizou-se, deixou de ser restritamente nacional (sendo o de hoje mais lidimamente português que o de há desanove anos), para entrar na larga corrente espiritualista que actualmente se desenha na Europa.

Estamos, porém, numa fase (a da formação), dessa corrente; e o *Auto* limita-se a ela, não a excede, não vislumra o esplendor a que ela chegará, dentro de dez, vinte ou trinta anos, dentro dêste século ainda.

¿Porquê? Supomho que pela preocupação do Poeta em repatar ter-se tornado sir para diante, o que era andar para trás.

Reboça-se, no entanto, uma nova era em que, sem se perder a amidade e aferros ao que de aproveitável a tradição nos legou, talvez a inéditas conclusões se chegará na Vida dos Povos, na Organização das Sociedades Novas...

Mas... agora reparo que ia filosofando fora do *Auto*. E que dêle nada mais, de fundamental, tenho a dizer.

* * *

Nenhuma das preocupações nacionais do *Auto* se encontra em *Teresinha*, que é, todavia, a melhor documentação do caminho que vai seguindo o espírito do Poeta, no sentido do seu cristão espiritualismo.

Jam satis a imprensa disse dêste significado do novo Poema.

Desejo apenas apreciá-lo aqui no seu valor artístico, em referência à arte de Correia de Oliveira, antes de o seu espírito haver encontrado o veio cristão em que actualmente se inspira.

Não posso, é claro, lançar unicamente à conta da diversidade da sua ideologia de hoje, em relação à *soi-disant* ideologia panteísta de outrora, os defeitos que esta encerrava e as belezas que a actual revela.

Há formas literárias muito belas nos seus poemas antigos, como hoje as há menos preciosas (e são poucas), na expressão artística de Correia de Oliveira.

Passaram, porém, muitos anos de aperfeiçoamento, em que não só o verso mas a prosa se lhe castigaram, para se tornarem definitivos. O tempo é grande factor no aperfeiçoamento dum Artista.

Mas o que, em Correia de Oliveira, se nota, hoje, é uma maior precisão e nitidez de ideias, uma lógica que lhes coordena, ainda quando as sentimentaliza, um vigor e rigor de expressão que só com muita disciplina mental, com verdadeiro alerro a um corpo de doutrina, se adquirem.

Na segunda edição do *Auto*, a apóstrofe ao «bom, sublime e horrendo Pensamento» é, ideológica e formalmente, perfeita. Tem qualquer coisa de épico. Em *Teresinha*, a oração de Luís, a «Oração pelos meus Filhos» deve ser retida como criação poética das melhores que numa literatura se produzem...

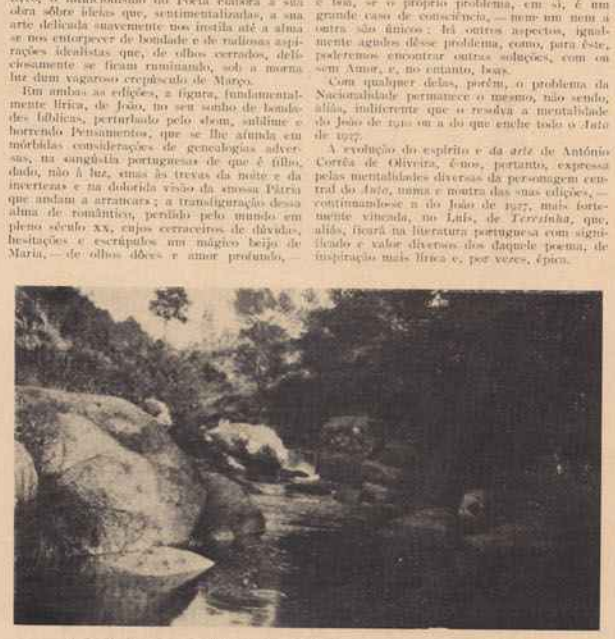
Mas *Teresinha* é bem a nítida demonstração do actual vigor espiritual do Poeta, que consegue tornar comparável às velhas e clássicas produções gregas, as figuras sôbrias e imaginosamente recortadas do seu drama, que, em qualquer outro país, se aproveitaria, sem demora, para, encenado, servir de demonstração dum género teatral difícil e no qual quási todos soçobram.

Custa-me afirmar sem aduzir provas.

A prova, porém, do que acabo de escrever só resulta cabal e peremptória lendo-se êsse notabilíssimo drama, feito, embora, pelo que eu repato — o maior poeta lírico português de hoje.

Pôrto, 1929.

J. PRETO PACHECO.



No Tronco, que corre por entre penedos, deixa banhar-se correia, em muitos de boa clarin, a Rosa sinzera encantada...

«Noras da Calderinha» (S. Pedro do Sul), na quinta que foi do Poeta

No Salão da Primavera, do Pôrto, exporá a LITOGRAFIA NACIONAL as suas maravilhas gráficas e a colectânea "Monumentos de Portugal"

No Salão da Primavera, no Pôrto, desfilarão os manequins vivos com criações de Santos & Júlio (Rua Nova do Almada, Lisboa)

Passatempo

— Ó Ricardito, se eu te der um escudo, posso contiar em ti para me levares uma carta, com tôda a segurança, à tua irmã, sem que ninguém veja?
— Pode... sim senhor... mas ainda seria muito mais seguro se me desse dois escudos!

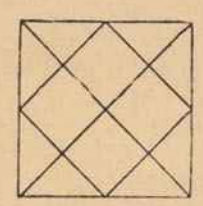
O procurador: — Espero que ficasse satisfeito com a forma por que redigi o seu testamento, segundo as suas instruções.

Barnabé: — Nada disso, pelo contrário. Até acho que o senhor dispôs dos meus bens de tal maneira que não me resta um mocho de pau para me sentar, depois da morte.

卐 卐

OITO QUADRADOS NUM

(Solução)



卐 卐

— Contou-me a mamã que não fôste castigada em todo o dia, Joaninha — disse o pai ao chegar a casa. Tens sido então, muito boa menina?

— Não é isso — respondeu a criança com tôda a lealdade. A mamã é que tem estado um anjo todo o dia e nem uma só vez perdeu a paciência.

Um homem foi a casa da D. Engrácia Freitas, oferecer-se como encerador. O seu aspecto não era nada forte e a D. Engrácia receava que êle não fizesse o trabalho capazmente. Por isso preguntou:

— Afiança que está habituado a fazer êsse serviço?

O homem respondeu:

— A senhora conhece esta família que mora aqui neste prédio ao lado? Pois então pode pedir-lhe informações. No chão encerado da casa de jantar dêles já cinco pessoas partiram as pernas, no inverno passado, e na escada principal uma senhora escorregou e veiu parar cá abaixo. Fui eu que encerei tudo!

卐 卐

Ela tinha-o recusado e êle estava muito pesaroso.

— Reconsidere, Luisa — suplicou o triste. Olhe que, quando não, farei saltar os miolos.

— Ah! — exclamou Luisa — isso é que era uma boa partida para o meu pai porque pensa que você os não tem.

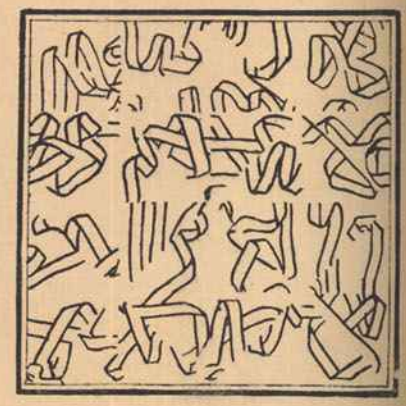
卐 卐

A mãe: — Mas porque foste tu brigar com aquele rapaz, um completo estranho?

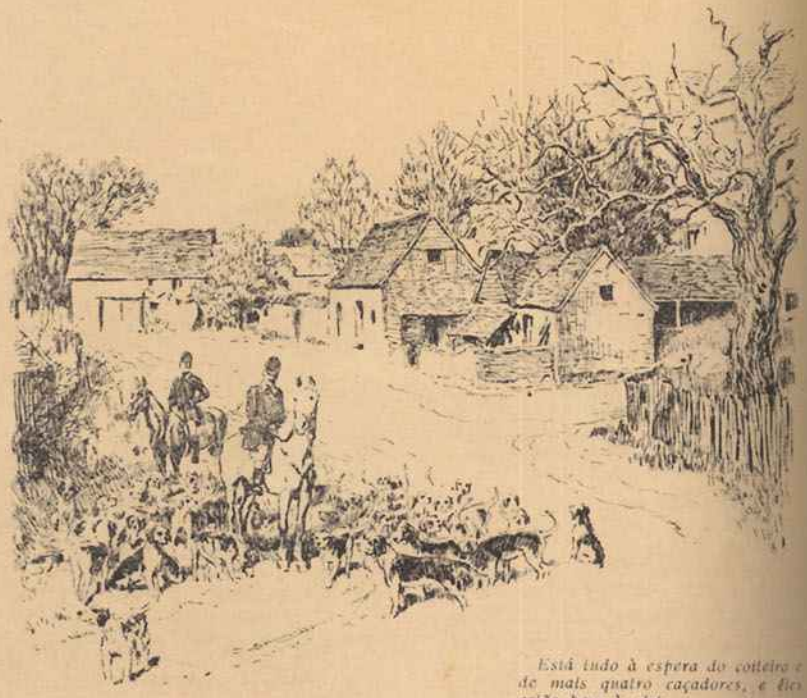
O filho: — Então, que quere a mamã, se todos os meus amigos estão fora!

PEDAÇOS DE FITA

(Passatempo)



Neste quadrado que aqui está vêem-se uma quantidade de pedaços de fita, soltos. Ora dividam-no em 32 partes iguais e simétricas. Recortem-no e tornem a juntar os bocados de tal forma, que os pedaços de fita fiquem divididos em quatro partes e se apresentem sem solução de continuidade. Feito isto, se dividirem em quatro quadrados iguais o quadrado assim reconstituido, terão em cada um dêles um pedaço de fita sem ponta nenhuma.



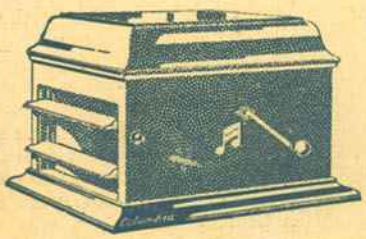
Está tudo à espera do coitelro e de mais quatro caçadores, e lêo estão bem à vista.

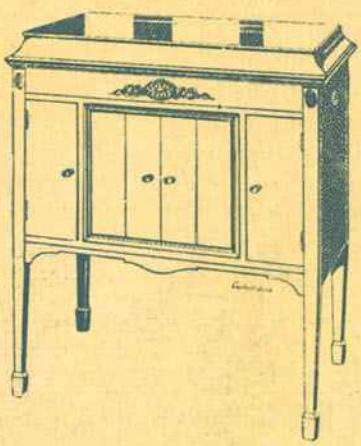
No Salão da Primavera, no Pôrto, estará representada originalíssimamente THE ANGLO PORTUGUESE TELEPHONE C.ª, prestimosa emprêsa civilizadora

VENHA OUVIR!

O NOVO MODELO 1929

Viva-tonal Columbia GRAFONOLA

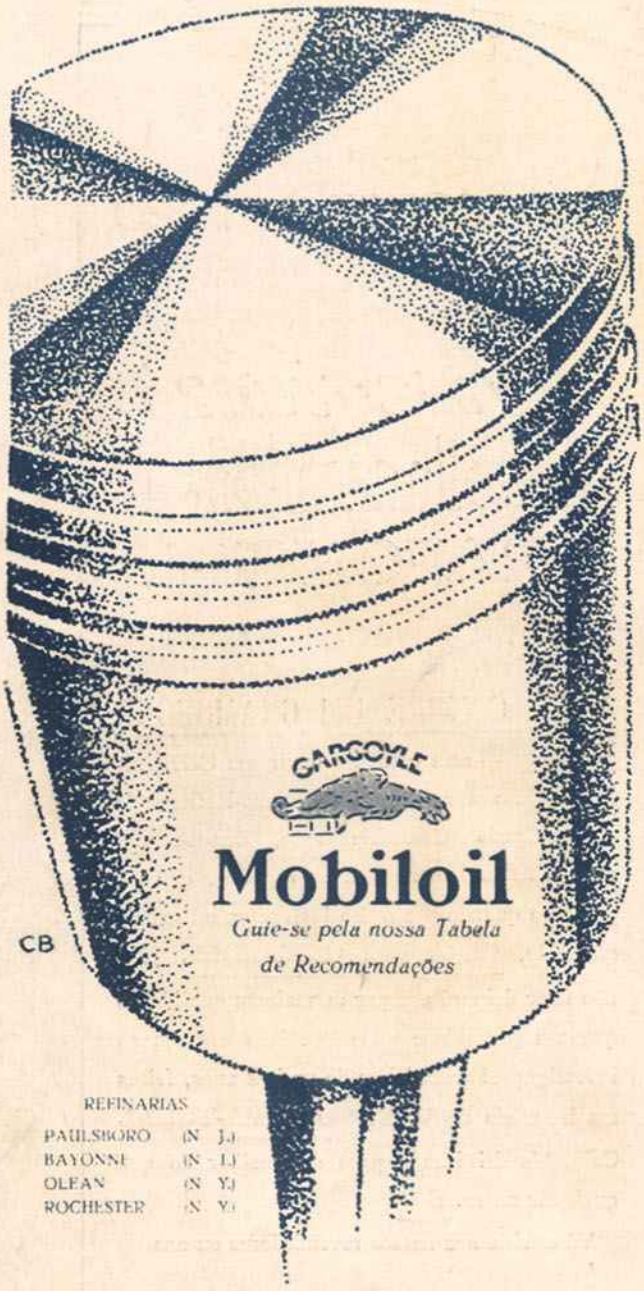




NÃO COMPRE UM GRAMOFONE — sem primeiro ouvir um COLUMBIA! Os novos principios «Plano-Reflex» do «Viva-Tonal» Columbia 1929, deu-lhe um avanço de muitos anos sobre qualquer outro e portanto quando um outro instrumento lhe seja oferecido, **OIÇA UM COLUMBIA.** Se o não fizer deixará escapar as maiores qualidades que um gramofone pode ter. Não esqueça as investigações scientificas de muitos anos, feitas em beneficio de V. Ex.ª **O VIVA-TONAL** Columbia foi ideado para ser melhor do que qualquer outro. **E É.**

Vá ouvi-lo nos nossos revendedores ou nos

AGENTES EXCLUSIVOS
P. SANTOS & C.ª L.da
Rua Ivens, 52-54
Rua Garrett, 57-59-61
LISBOA



A lubrificação racional do seu carro depende de

4 factores técnicos

1 **Carbonisação mínima.** Oleos demasiadamente expessos ou fluidos tendem a subir às camaras de combustão O tipo de MOBILOIL recomendado para o seu carro será distribuido uniformemente na quantidade necessária. MOBILOIL possue uma combustão limpa e por isso deixa residuos de carvão insignificantes e não pegajosos

2 **Distribuição do oleo.** Entre as condições que afectam a distribuição do oleo figuram o tipo do sistema de lubrificação, o tamanho e a construção da bomba do oleo, as folgas dos embolos. MOBILOIL adapta-se perfeitamente a qualquer sistema de lubrificação, de forma a assegurar a sua distribuição completa e uniforme a todos os pontos.

3 **Vedação perfeita dos metálicos.** Quando os embolos não vedam completamente há perda de compressão e, portanto, potencia desperdiçada. O corpo rico e as qualidades próprias do MOBILOIL resistem à força expansiva dos gazes nos modernos motores de alta compressão. Bom rendimento só se obtem com boa compressão.

4 **Temperatura de funcionamento.** Qual é o sistema de refresco? Quais são as temperaturas de regime? MOBILOIL conserva o seu valor lubrificante sob as temperaturas extremas que o seu carro desenvolve

92 % dos fabricantes americanos aprovam Mobiloil

370

MOBILOIL

VACUUM OIL COMPANY